

Jornal de Letras

Opiniões

Depoimentos

Novos Lançamentos

Entrevista

Literatura Infantil

Número: **268**

Mês: Junho

Ano: 2021

Preço: R\$ 5,00



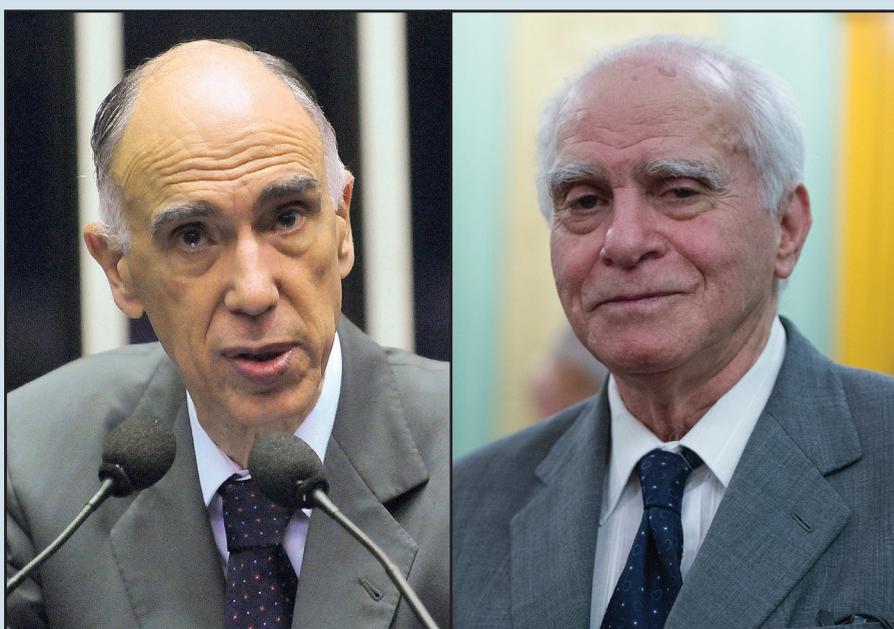
ACESSE:
www.jornaldeletras.com.br

Paulo Gustavo, único

A vida não foi suficiente para abarcar a multiplicidade do talento do ator, roteirista e humorista Paulo Gustavo. Símbolo da resistência pela arte, referência de sucesso com sua trajetória estelar, o artista transbordou sensibilidade através do teatro, cinema, televisão e literatura. Além de roteiros extraordinários, escreveu um livro – conjunto que marcará, para sempre, a sua genialidade. (Por Manoela Ferrari – págs. 10 e 11)

Há uma discussão nacional com um tema bem objetivo: como será o novo normal? Numa live com o jornalista Bruno Thys, o professor Celso Niskier discorreu sobre o assunto, com muita propriedade. Há uma grande curiosidade na praça sobre as consequências da pandemia na educação. Também tenho tratado da matéria, nas lives que faço, como as promovidas pelo CIEE em nível nacional. O certo é que nada será como antes dessa tragédia. Além dos cursos promovidos, editamos livros preciosos para o enriquecimento cultural dos jovens estudantes. Estão com a chancela da UniCIEE que, apesar da crise, não deixou de crescer de forma apreciável. Divulgamos esses empreendimentos, como fazemos neste número do Jornal de Letras, na esperança de que tudo isso seja do agrado dos nossos leitores.

O editor.



O JORNAL DE LETRAS antecipa os cumprimentos aos acadêmicos aniversariantes do mês de julho: Marco Maciel (27/07) e Ignácio de Loyola Brandão (31/07).

“Um cientista que também é um ser humano não deve descansar enquanto o conhecimento que pode reduzir o sofrimento repousa em uma estante.”

Albert Sabin

J Expediente

Diretor responsável: Arnaldo Niskier

Editora-adjunta: Beth Almeida

Colaboradora: Manoela Ferrari

Secretária executiva: Andréia N. Ghelman

Redação: R. Visconde de Pirajá Nº 142, sala 1206 – Tel.: (21) 2523.2064 – Ipanema – Rio de Janeiro – CEP: 22.410-002 – e-mail: institutoantares.info@gmail.com

Distribuidores: Distribuidora Dirigida - RJ (21) 2232.5048

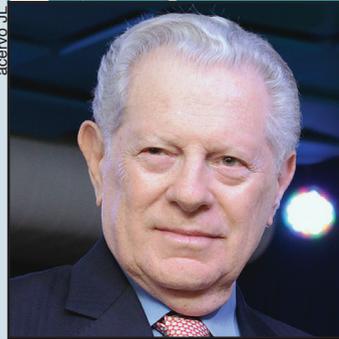
Correspondentes: António Valdemar (Lisboa).

Programação Visual: CLS Programação Visual Ltda.

Fotolitos e impressão: Folha Dirigida – Rua do Riachuelo, Nº 114

Versão digital: www.jornaldeletras.com.br

O JORNAL DE LETRAS É UMA PUBLICAÇÃO MENSAL DO
INSTITUTO ANTARES DE CULTURA / EDIÇÕES CONSULTOR.



Tendências na educação

Não existe um significado exclusivo para o que é a educação. Seus princípios variam conforme a época, o lugar, as circunstâncias, a concepção ideológica e política de um dado momento. Aristóteles (384-322 a.C.), há 2.500 anos, em sua obra *Política*, já se preocupava com o problema da educação, admitindo que a sua prática, em vigor naquela época, era de perplexidade. Ninguém sabia sobre qual princípio deveria proceder: sobre a utilidade da vida? Sobre as virtudes? Ou seria sobre um conhecimento mais elevado? Considerava Aristóteles que, sobre esses três significados, não havia consenso, uma vez que as ideias divergiam sobre a natureza da virtude e, com isso, sobre a sua prática.

Não é de estranhar que idêntica perplexidade à percebida por Aristóteles preocupe aqueles que, ainda hoje, se dedicam à educação. Em tempos de incertezas e dúvidas, de qualquer ângulo que se considere o problema, a pergunta emergente será unívoca: “como educar para novos tempos?”

A tragédia sanitária que se abateu sobre o planeta, com o alastramento do Covid-19, impactou a forma como vivemos, acelerando mudanças que já estavam em curso, antes da pandemia. Para debater sobre os rumos da educação no país, o Centro Cultural Midrash convidou o professor Celso Niskier para um debate no Ciclo Tendências, com curadoria do jornalista e editor Bruno Thys.

Reitor da UniCarioca, presidente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior (ABMES) e do Sindicato das Entidades Mantenedoras de Estabelecimentos de Ensino Superior do Rio de Janeiro (Semerj), fundador e Reitor do Centro Universitário UniCarioca, membro da Academia Internacional de Educação e do Conselho do Centro de Integração Empresa Escolado Rio de Janeiro por 12 anos, o entrevistado é Doutor em Inteligência Artificial.

Celso Niskier destacou os impactos distintos na educação superior e básica, traçando um panorama da esfera pública e particular (cuja adaptabilidade ao ensino remoto foi menos sofrível), em contraponto com a “tragédia” que se abateu sobre a educação infantil: “Não há como colocar uma criança de dois, três, quatro anos na frente de um computador. Certamente, o prejuízo foi – e é – muito grande. Vamos ter *gap* de aprendizagem que pode significar, segundo um estudo do FMI, até mesmo 10% de perda na renda futura desses jovens. Teremos que ser criativos, como educadores, para garantir que esse *gap* seja recuperado.”

É preciso inovar, com criatividade, a fim de atrair os alunos para um ambiente acadêmico diferente. Para o Reitor da UniCarioca, a grande tendência da educação é a inovação: “Acredito muito nas metodologias ativas. As salas de aula não vão ser mais para transmissão de conhecimento, e, sim, para a aplicação prática do que for estudado. O professor vai definir o conteúdo (e a forma que esse será disponibilizado), sendo muito mais um designer da aprendizagem do que um mero entregador do conhecimento.”

Com uma visão otimista, Niskier citou exemplos positivos de visitas recentes, antes da pandemia. No Estado de Israel e na China, o modelo de educação híbrida, que conjuga alta tecnologia às salas de aula, já está em uso, de formas muito bem-sucedidas: “As salas vão ficar um pouco assim: uma combinação de presença física, remota e muito conteúdo não presencial a ser estudado entre as aulas. Esse é o modelo vencedor no futuro”, apontou.

A educação continua sendo o meio pelo qual a sociedade transmite seus princípios e valores. É reforçando a educação que estaremos reforçando o conhecimento do mundo, tornando-nos capazes de melhorá-lo. Teoria e prática devem sempre andar juntas.

A Eneida, em português de hoje

Por Antônio Valdemar*

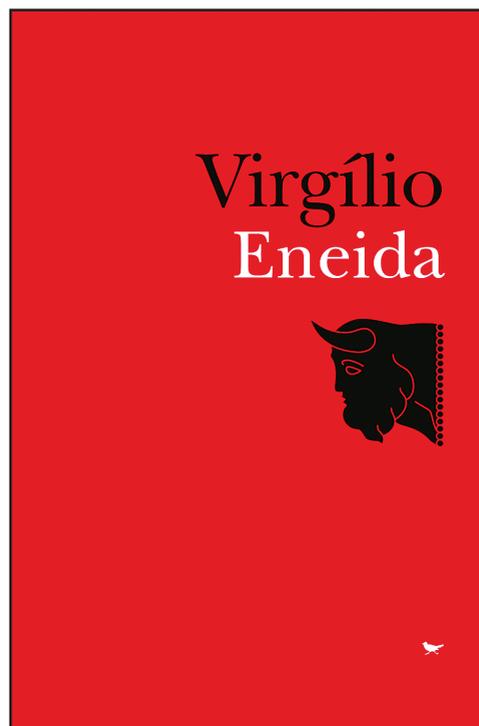
Homenagem a Walter Medeiros, um açoriano natural do Nordeste e que foi catedrático da Universidade de Coimbra, ao ser publicada a tradução de uma das epopeias da antiguidade clássica e que influenciou Camões na estrutura d' *Os Lusíadas*.

A tradução da *Eneida*, por Carlos André, permite a aproximação, muitas vezes de acesso difícil, do poema épico de Virgílio, uma das epopeias da antiguidade clássica que fixou as raízes políticas e culturais de Roma e teve a mais ampla repercussão na Europa, da Idade Média e do Renascimento. *Os Lusíadas* representam, no caso português, a referência mais emblemática.

A *Eneida*, em português de hoje, é uma tradução rigorosa dos sucessivos cantos que narram e exaltam, entre muitos outros episódios, a instalação dos troianos, a fundação territorial de Roma, as características dominantes da sua expansão, os amores de Dido e a descida de Eneias aos infernos. Tudo quanto celebrou um ideal de civilização e de esplendor e, ao mesmo tempo, um paradigma de beleza, que passou à História associada ao século de ouro do imperador Augusto.

Contudo, a tradução rigorosa da *Eneida* por Carlos André – professor catedrático da Universidade de Coimbra e sócio efetivo da Academia das Ciências – não significa uma versão fria, seca, hirta, condicionada aos padrões vernáculos e áridos da língua portuguesa, num estilo destituído da agilidade e da fluência indispensáveis para estabelecer uma comunicação direta com o leitor contemporâneo.

Estamos perante uma *Eneida* que segue o texto original, sem resvalar no aparato retórico a que, habitualmente, se recorre para caracterizar as expressões heroicas de fervor cívico e de exaltação patriótica. Também não deriva para as efusões sentimentais que envolvem os



A edição é traduzida e publicada em verso pelo especialista em literatura latina Carlos Ascenso André.

estados de angústia, de intimidade afetiva e as metamorfoses da paisagem.

Num exaustivo trabalho de recriação poética, que se prolongou durante seis anos, Carlos André manteve exemplar sobriedade verbal e as singularidades da obra que define a identidade literária de Virgílio. Um dos expoentes da língua e literatura latinas que se evidenciara, em vida, com as *Geórgicas* e as *Bucólicas* e, após a morte, com a revelação da *Eneida* que logo virou celebridade universal.

Esta tradução de Carlos André é dedicada à memória do seu mestre, na Universidade de Coimbra, o catedrático Walter Medeiros – um açoriano natural do Nordeste – é uma das homenagens devidas a um dos mais injustamente esquecidos humanistas portugueses do século XX.

* Antônio Valdemar é sócio correspondente da Academia Brasileira de Letras e sócio efetivo da Academia das Ciências de Lisboa.

CIEE São Paulo na Jovem Pan

Entrevista do superintendente Geral do CIEE São Paulo, Humberto Casagrande, sobre Estágio e Aprendizagem no *Jornal da Manhã*, da Rádio Jovem Pan, transmitida em vídeo através do canal oficial da Jovem Pan, no Youtube.

De acordo com o Centro de Integração Empresa-Escola (CIEE), a oferta de oportunidades de estágio e aprendizagem cresceu nos primeiros quatro meses de 2021. A movimentação positiva indica uma recuperação no período, embora ainda distante dos números pré-pandemia.

Segundo o Superintendente Geral do CIEE-SP, Humberto Casagrande, nos primeiros quatro meses deste ano, houve um crescimento de 25% em relação ao último quadrimestre do ano passado: “Esse ano começou bem mais animador. Entretanto, se a gente pegar os quatro primeiros meses de 2021 e comparar com 2020, vamos verificar que ainda há uma queda de 2,5%. Crescemos, mas não conseguimos, ainda, voltar ao que era um período antes da pandemia. O país vinha crescendo e a economia estava muito aquecida. Então, esse número que apareceu este ano é significativo na geração de oportunidades.”

Casagrande está otimista em relação ao poder de recuperação do mercado: “Nós estamos muito esperançosos com a vacinação. As empresas – principalmente a pequena e a média – estão sofrendo bas-



tante. Elas precisam de uma ajuda para entrar nesta recuperação. O governo está elaborando um projeto em que ele pagaria metade de uma bolsa aos estudantes estagiários, que gira em torno de seiscentos reais – o que ajudaria tanto os estudantes quanto a pequena e média empresas. Isso

será bastante importante para o emprego dos jovens, que hoje é o dobro dos adultos. Essa medida será muito bem-vinda.”

Em relação aos relatos de jovens que ficaram deprimidos com a pandemia, com a falta de perspectivas, tendo os pais preocupados com o desemprego (temos catorze milhões de brasileiros desempregados), o superintendente do CIEE-SP traz esperanças: “O comércio eletrônico está contratando bastante. O setor de saúde também, por razões óbvias. Na área de enfermagem, temos tido muitos estagiários. Igualmente o agronegócio, uma modalidade nova, vem crescendo bastante.”

Ao ser perguntado sobre uma orientação para os jovens, a resposta está na inovação: “O país hoje tem muitas vagas na área da tecnologia, que ainda não consegue preencher. O brasileiro tem certa aversão de estudar ciências exatas. A maioria prefere Ciências Humanas, evitando se confrontar com a matemática. O conselho que a gente dá é perder o preconceito pela área de exatas.”

Eis um bom caminho.

● **DEPOIS DE** percorrer o mundo colhendo sucessos com a mostra Genesis, sobre o planeta, a exposição Amazônia, de Sebastião Salgado, tem estreia prevista no Brasil para a primeira semana de agosto, no Museu do Amanhã, no Rio.

● **O SEGUNDO** volume da trilogia *Escravidão*, de Laurentino Gomes, será lançado este mês pela Globo Livros.

● **O EX-SECRETÁRIO** municipal de Cultura de Vitória, Francisco Grijó, lançou a obra *Doxa* (Editora Cândia). No subtítulo: *brevíssimas opiniões não tão politicamente corretas sobre cinema, música, livros*.

● **VENCEDORA** do Prêmio Cervantes em 2018, a uruguaia Ida Vitale, uma das principais vozes da literatura latino-americana, ganha primeira antologia publicada no Brasil: *Não Sonhar Flores* (Editora Roça Nova).

● **A HORA DA ESTRELA**, de Clarice Lispector, ganhou, pela primeira vez, uma edição com a reprodução integral e restaurada do manuscrito original. A publicação traz mais de uma versão para diferentes passagens do texto. Foi lançada pela Editions des Saints Péres, editora francesa especializada em grandes manuscritos.

● **UMA COLETÂNEA** com 42 poemas e sete contos de Florbela Espanca (Poemas e Contos) saiu pela Oficina Raquel, oferecendo uma visão geral da obra da autora (1864-1930), um dos maiores nomes da língua portuguesa.

● **O ROMANCE** *Morte na Água*, do escritor japonês Kenzaburo Oe, Prêmio Nobel de Literatura, foi publicado no Brasil pela Companhia das Letras, com 424 páginas.

● **EM O Último Processo de Kafka**, recém-lançado no país pela Arquipélago Editorial, o jornalista e escritor americano-israelense Benjamin Balint investiga a batalha internacional pela propriedade dos originais deixados pelo célebre autor tcheco.

● **O ENIGMA DO QUARTO 622** (Ed. Intrínseca), novo livro do autor Jöel Dicker, que esteve na Flip em 2014, é ambientado em Genebra, cidade onde ele nasceu.

● **INSTANTES VISÍVEIS**, do fotógrafo Carlos Antolini, registra, em

livro, três décadas de dança contemporânea no Espírito Santo.

● **VOCÊ NÃO É INVISÍVEL** (Companhia das Letras) é o primeiro livro infantojuvenil do ator e escritor Lázaro Ramos, que está escrevendo uma obra inédita para adultos, além de negociar o infantil *Edith e a Velha Sentada* com editoras africanas.

● **DOIS CLÁSSICOS** de Paul Valéry foram lançados no país: a coletânea de ensaios filosóficos *A Arte de Pensar* (Ed. Bazar do Tempo) e *Feitiços* (Editora Iluminuras), um de seus mais importantes livros de poesia, que, pela primeira vez, ganha tradução completa no país.

● **COM PROSA** que remete a Guimarães Rosa e Mário de Andrade, a escritora e historiadora Micheline Verunschik lança seu quinto romance: *O Som do Rugido da Onça* (Companhia das Letras).

● **NOS ENSAIOS** reunidos na obra *Antissemitismo: uma obsessão* (Ed. Numa), as organizadoras Eliane Pszczol e Heliete Vaitsman procuram mostrar que o antissemitismo não é um problema judaico, mas da humanidade.

● **A EDITORA RECORD** lançou *Monet e a Pintura das Ninfeias*, de Ross King, com tradução de Cristina Cavalcanti.

● **A APRESENTADORA** e ativista Luisa Mell vai lançar uma série de livros infantis, pela Editora Globinho. O primeiro título é *Se os Bichos Falassem: Austrália*.

● **COM 768 PÁGINAS**, tradução de Ana Ban e Heloisa Mourão, a Editora Todavia lança *O Espelho e a Luz*, trilogia sobre Thomas Cromwell, da britânica Hilary Mantel, única mulher a ganhar duas vezes o Man Booker Prize, um dos mais prestigiados prêmios da literatura em língua inglesa.

● **SEGREDOS E CONSPIRAÇÕES** dão o tom da nova obra de C. J. Tudor, *Garotas em Chamas* (Editora Intrínseca), que será adaptada pela Netflix.

● **MENINO BALEIA** (Editora Mil Caramolas), de Lulu Lima, conta a história de Roger, uma criança autista. Ilustrado por Natália Gregorini, foi lançado no Dia Mundial da Consciência do Autismo.

ENQUANTO ISSO, NUMA LIVRARIA PRÓXIMA...



● **BAIXO ESPLENDOR** é o novo romance do escritor, jornalista e roteirista Marçal Aquino, lançado pela Companhia das Letras.

● **ESCRITO E ILUSTRADO** pelo quadrinista carioca André Diniz, *Revolta da Vacina* (Ed. Darkside) mostra um país em crise econômica, muitos brasileiros mortos e uma campanha de vacinação marcada por um embate entre governo e sociedade. Tudo isso no Rio de Janeiro, em 1904, com o sanitarista Oswaldo Cruz tentando controlar doenças como varíola, febre amarela e peste bubônica.

● **A EDITORA Estação Liberdade** lançou, no Brasil, o romance *Terráqueos*, de Sayaka Murata, mesma autora de *Querida Konbini*, obra que já vendeu mais de um milhão de exemplares no mundo. A tradução é de Rita Kohl.

● **EM 2019**, durante cinco dias no litoral paulista, uma residência literária contou com a participação de 26 escritoras de várias partes do país. Como resultado, a antologia *Tomar Corpo* (Ed. Jandaíra), organizada por Lucila Losito Mantovani, reunindo poemas criados ao longo do projeto.

● **COM TRADUÇÃO** de Maria Alice Araripe Doria, *O Consentimento* (Ed. Verus) traz o relato de Vanessa Springora sobre a relação abusiva que teve, na adolescência, com Gabriel Matzneff, um dos escritores mais célebres da França, 36 anos mais velho.

● **O PROJETO DECAMERÃO**, lançado pela Editora Rocco, reúne 29 contos de vários autores do mundo, em uma afiada coletânea sobre a pandemia atual, inspirados no clássico *Decamerão*, obra do italiano Giovanni Boccaccio (1313-1375).

● **OS SEIS VOLUMES** da *Coleção Desafios Globais*, organizados por Aziz Tuffi Saliba e Dawlsson Belém Lopes, podem ser baixados gratuitamente no site da UFMG. As obras reúnem artigos de 130 autores, divididos por temas (de sustentabilidade a direitos humanos).

● **CONSGRADA PELA** criação do universo de Harry Potter, a escritora inglesa J. K. Rowling anunciou seu novo livro infantil: *The Christmas Pig*, com ilustrações de Jim Field, terá lançamento mundial no dia 12 de outubro.

● **O COMPOSITOR**, cantor e violonista mineiro Daltony Nóbrega comemora, este ano, os 40 anos do lançamento do LP Bate-Boca, pela RCA.

● **EM TERRA FRESCA DA SUA TUMBA** (Ed. Jandaíra), a boliviana Giovanna Rivera, uma das vozes mais celebradas da nova literatura latino-americana, apresenta contos com histórias familiares marcadas por contornos fantásticos e aterrorizantes.

● **AOS 93 ANOS**, Eva Edith Eger, sobrevivente de Auschwitz, lançou seu segundo livro: *A Liberdade é uma Escolha*. Chega ao Brasil pela Editora Sextante.

Na ponta da Língua

Por Arnaldo Niskier – Ilustrações de Zé Roberto

Trabalho de grupo

“Preocupado com o trabalho em grupo, o aluno escreveu que eles tem que se dedicar muito.”

Exatamente, precisam estudar muito! O verbo **ter**, na 3ª pessoa do plural do presente do indicativo, é acentuado.

Observe: ele tem / eles têm

Período correto: “Preocupado com o trabalho em grupo, o aluno escreveu que eles **têm** que dedicar muito.”

Acabou o trema!

Acreditamos que não seja motivo de problema. Muito pelo contrário. A maioria das pessoas não gosta daqueles dois pontinhos. Portanto, será com **tranquilidade** que todos os esqueceremos. Porém, há nomes próprios em que o trema será mantido como em Müller, Hübner etc.

Quadro feio!

“Todos ficaram espantados com a feiúra do quadro.”

Esse quadro não deveria ser tão feio, porque a palavra é acentuada. De acordo com o Novo Acordo Ortográfico, não se acentua o **i** e o **u** tônicos em paroxítonas quando precedidos de ditongo.

Observe: feiúra – é uma palavra paroxítona, antes do **u** (tônico) há o ditongo **ei**.

Frase correta: “Todos ficaram espantados com a **feiura** do quadro.”

Caminho certo

“Leandro pegou a auto-estrada que seu tio indicou, mas não acertou o caminho.”

O problema foi o hífen. Não se usa mais o “antigo tracinho” quando a palavra que segue o prefixo **auto** começar com vogal, somente se for a vogal **o**, porque o prefixo **auto** termina com **o** – **auto-oxidação**.

Período correto: “Leandro pegou a **autoestrada** que seu tio indicou, mas não acertou o caminho.”



Vasco Coutinho, um personagem injustiçado

Por Manoel Goes Neto*

Alguns pesquisadores e historiadores defendem que Vasco Fernandes Coutinho, primeiro donatário da capitania do Espírito Santo, morreu pobre e abandonado. Que lhe faltou um simples lençol para cobrir o seu corpo. Que era viciado em mascar o fumo, hábito aprendido com os indígenas, chegando a ser excomungado pelo bispo Sardinha. Esquecem os que mantêm esta versão, de que não havia necessidade de lençol algum. “O calor tropical era muito grande para o fidalgo europeu, e com certeza ele aprendera também, com os índios, a dormir em redes. Uma versão muitas vezes repetida acaba virando verdade. E depois, para se desmentir, passados séculos, fica muito difícil. Algumas vezes até impossível. Mas assim é a história ou estória da maioria dos fatos e personagens históricas. A história é, na maioria das vezes, uma fabulação, uma fabricação das narrativas de um tempo, escrita por seres humanos, cheios de dúvidas e interpretações equivocadas. A história tem muito de opiniões por ouvir dizer, com concepções errôneas, formulando críticas que carecem de maior aprofundamento”, afirmam alguns pesquisadores

Outros defendem atos de revisionismo histórico, que buscam apagar da memória urbana determinadas personalidades e suas histórias. Vamos retroceder até o Império Romano e destruir a história de Marco Aurélio, em Roma? A democracia grega nasceu na escravatura. Cada caso é um caso, e cada movimento tem seu contexto histórico. Várias gerações foram ensinadas que estes personagens eram pessoas boas, não faziam trabalho sujo em troca de dinheiro e poder. Contribuíram para o crescimento dos países, mas a um custo

Suadeira

Renata deu um escândalo ao ver um inseto, e seu irmão questionou: “Você soa quando vê uma barata?”

Alguém pode soar só porque vê uma barata?

Observe: **soa** (verbo **soar**) – produzir som, retumbar, ecoar

sua (verbo **suar**) – transpirar

O irmão da Renata deveria ter dito: “Você **sua** quando vê uma barata?”

Para conhecer Clarice Lispector

“Viver em sociedade é um desafio porque às vezes ficamos presos a determinadas normas que nos obrigam a seguir regras limitadoras do nosso ser ou do nosso não ser...”

Quero dizer com isso que nós temos, no mínimo, duas personalidades: a objetiva, que todos ao nosso redor conhecem; e a subjetiva... Em alguns momentos, esta se mostra tão misteriosa que se perguntarmos – Quem somos? Não saberemos dizer ao certo!

Agora de uma coisa eu tenho certeza: sempre devemos ser autênticos, as pessoas precisam nos aceitar pelo que somos e não pelo que parecemos ser... Aqui reside o eterno conflito da aparência x essência. E você... O que pensa disso?

Que desafio, hein?

‘Nunca sofra por não ser uma coisa ou por sê-la.’”

Perto do Coração Selvagem, p. 55 – Clarice Lispector

Coco da discórdia

“Renata queria água de côco, mas sua prima queria suco de caju.”

Essa água não existe! **Por que coco não tem acento?**

Coco é uma palavra paroxítona, tendo a penúltima sílaba como sílaba tônica (CO-co). Não necessita de acento circunflexo uma vez que, segundo as regras de acentuação do português, as palavras paroxítonas não são geralmente acentuadas, com exceção das paroxítonas terminadas em: **r, x, n, l, ps, om, ons, um, uns, ã, ãs, ão, ãos** e **ditongos orais**. Terminando a palavra **coco** em **o**, não necessita de ser acentuada.

A **forma correta** de escrita da palavra é **coco**, sem acento circunflexo. A palavra **côco**, com acento circunflexo na primeira sílaba, está errada. Esse acento é erradamente utilizado para distinguir coco (fruta) de cocô (fezes).

Forma certa = coco (fruta) / **Forma errada** = côco

Forma certa = cocô (fezes) / **Forma errada** = cômô

O substantivo masculino coco indica, principalmente, o fruto do coqueiro. Além desse significado principal, refere-se também à cabeça e ao crânio ou ao papão, um monstro imaginário infantil. Pode significar ainda um recipiente, muito dinheiro ou um tipo de dança de roda.

Frase correta: “Renata queria água de **coco**, mas sua prima queria suco de caju.”



hoje chamado de racismo ambiental e racial. E aqui no Brasil não foi diferente.

A versão de fracassado cai por terra quando questionamos: “se o donatário Vasco Coutinho iniciou aqui a construção de uma extensão do império português, que deu o nome de Espírito Santo, nome que se mantém até hoje, e mais, ficando em poder da sua família e herdeiros por 140 anos. Como teria sido Coutinho, um fracassado?”

Teve toda sorte de dificuldades, como ocorreu em quase todas as capitânicas do Brasil, à exceção das capitânicas de São Vicente – SP e Pernambuco, nos primeiros 200 anos, mesmo assim Vasco Coutinho realizou bastante, fez acordos com os índios do Espírito Santo, conseguindo até converter alguns à fé cristã, fundou os primeiros engenhos de açúcar, construiu duas vilas, a Vila Velha e a Vila da Vitória, hoje a capital Vitória. Viajou mais de uma vez à Portugal buscar recursos e colonos para a sua capitania.

Viúvo, conviveu com Ana Vaz, com quem teve o filho de mesmo nome, que lhe sucedeu após a sua morte em 1561. Viveu os seus últimos dias na Praia da Costa, em sua Fazenda da Costa, onde temos o Monte Moreno e a Praia do Ribeiro. A Casa Grande ficava ao lado de onde hoje temos a residência oficial do governador do estado. Ruínas encontradas confirmam esta localização. Foi sepultado o capitão Vasco Fernandes Coutinho na Igreja do Rosário, na Prainha, que ele construiu.

A história capixaba é muito digna de comemorações dos seus 486 anos de muita luta e superações, em 23 de maio, data da chegada da comitiva do fidalgo Vasco Fernandes Coutinho na hoje Prainha, em Vila Velha, Colonização do Solo Espírito-santense. Nunca é demais lembrar a etimologia da palavra “comemorar”, que muitos estudiosos pesquisadores insistem em criticar, confundindo com “festejar”. Comemorar é uma palavra de origem latina – *commemorare* – que significa recordar, rever, trazer à memória, recordar coletivamente. E para fortalecermos a nossa identidade capixaba, temos que trazer à memória coletiva a nossa ancestralidade, origens e cultura histórica, com muitas vitórias e superações, orgulho e pertencimento de sermos capixabas.

*Manoel Goes Neto é escritor e subsecretário de cultura de Vila Velha.

**ANTENOR BARROS LEAL****O Brasil é um grande parceiro**

Arnaldo Niskier: Antenor Barros Leal foi presidente da Associação Comercial do Estado do Rio de Janeiro, também foi vice-presidente da FIRJAN – Federação das Indústrias do Rio de Janeiro e um dos fundadores da Associação dos Produtores de Trigo em nosso país. Por que esse envolvimento com o trigo? Isso foi no Rio ou foi em outro estado?

Antenor Barros Leal: Profissionalmente vim para o Rio, em 1972, para fazer parte da direção de um grupo econômico do Ceará, que tinha como atividade principal o trigo, e desenvolvi minha atividade. Até que, anos depois, passei para outra empresa e desenvolvi uma presença no setor criando a Associação Brasileira da Indústria do Trigo, uma indústria profundamente importante na alimentação do país, e me fiz aqui no Rio. Assumi essa cidade maravilhosa como a minha própria, não me desvinculei do meu estado natal e, profissionalmente, fiquei aí até mais uns 10 anos atrás, quando passei para uma atividade própria de negócios e aconselhamento na área imobiliária.

Arnaldo Niskier: Em relação ao trigo, quais são as relações que temos com os Estados Unidos? São boas? O Brasil produz, o Brasil importa ou exporta? Qual é essa relação?

Antenor Barros Leal: O Brasil é um importador de trigo, o Brasil é um exportador de soja, de algodão, de milho, mas todos os países têm habilidades, capacidades de produzir alguns produtos mais ou menos. Não somos bons produtores de trigo. Consumimos por volta de 11 a 12 milhões de toneladas por ano e importamos por volta de 5 a 6 milhões. O trigo brasileiro é produzido no Paraná e no Rio Grande do Sul, 90% da produção ocorre nesses dois estados. Importamos o saldo necessário da Argentina, prioritariamente, pela distância, pela facilidade de moeda, pela redução do custo do transporte e o resto importamos dos Estados Unidos. Somos importadores dos Estados Unidos, há mais de 100 anos. Começamos importando só dos Estados Unidos, depois importamos do Canadá e depois a Argentina passou a ser produtor importante, de qualidade, e importamos também muito ainda hoje da Argentina. Pode-se dizer que a metade da produção da Argentina fique mais ao Sul do país e, junto com a produção nacional, é exportada, trazida para o sudeste e norte do país. As importações dos Estados Unidos ficam, preponderantemente, no Rio e em São Paulo.

Arnaldo Niskier: Como especialista na matéria, como você vê o início da gestão Joe Biden, nos Estados Unidos, e o que ele promete ser a relação que fará com o Brasil?

Antenor Barros Leal: Estou absolutamente confiante que a relação entre Brasil e Estados Unidos vai continuar firme, forte. O Brasil é um grande parceiro dos Estados Unidos e os Estados Unidos são parceiros fundamentais na nossa atividade econômica. Imaginar que tivéssemos algum atrito ou, como algumas pessoas possam imaginar, que teríamos problemas com os americanos, não acredito. O presidente Biden já esteve no Brasil, tem ótima relação com os brasileiros, tem amigos brasileiros. Nossa relação com os Estados Unidos tende a ser melhor, vai ser mais produtiva, vai trazer progresso para ambos os países.

Arnaldo Niskier: O comércio se ressentiu muito da existência da pandemia?

Antenor Barros Leal: O comércio sofreu, foi a parte que mais sofreu, a indústria vem em segundo lugar, mas o comércio e serviço, seguramente, pagaram a conta maior. Turismo, hotelaria, restauração, isso tudo pagou um preço muito alto, houve um exagero nesses empreendimentos, fechou quando não devia fechar, abriu quando não devia abrir. O mundo inteiro estava aprendendo com essa maldita praga e cometeram-se erros de um lado e do outro. Acho que estamos começando a sair, a economia brasileira, no ano passado, se portou muito bem. Havia uma previsão que seria um acidente, que cairíamos 10%, não caímos, caímos 3%, foi um dos melhores países que responderam economicamente

à crise. Acho que o problema foi grande, está sendo reduzido. Evidentemente, o pessoal do turismo, da aviação, do transporte interestadual, do turismo interno e externo está pagando o preço, a recuperação está vindo pouco, logo depois.

Arnaldo Niskier: Gostaria de saber sua opinião sobre o mal que a pandemia fez à educação, fechando escolas. O que lhe pareceu isso?

Antenor Barros Leal: Sua pergunta é exatamente a resposta. É um mal. Foi outro setor que andamos muito mal. Fechar escolas, em vez de tomar providência de distanciamento, foi um erro grave. A educação é absolutamente fundamental e não se pode errar. No seu livro *Memórias da Quarentena*, o professor faz uma citação de uma importância tão grande que todas as pessoas deviam ler e sobre essa frase pensar. A frase diz o seguinte: “Eduque uma criança, você não vai ter que prender um adulto.” Essa frase tem tanto poder, tanto poder esclarecedor, é um poder revolucionário. Educação é algo tão importante na vida de um país que não precisaria usar o exemplo do Japão ou da Coreia ou da Alemanha ou de Israel ou americano para provar que a educação é a base. O que nos diferencia de um país desenvolvido não é a quantidade de minérios, a quantidade do que produzimos, mas sim a quantidade de inteligência bem usada. Somos um país que, em 1970, tinha 90 milhões em ação, pra frente Brasil, pra frente, seleção. Hoje somos 210 milhões e desses, lamentavelmente, ainda se encontra número grande de analfabetos. Todo ministro da Educação se refere a esse fato lamentável de que ainda temos muitos analfabetos. Temos uma quantidade enorme daqueles que não leem ou, se leem, não entendem o que leem. Sem educação não vamos a lugar nenhum. Não adianta ter soja para exportar, petróleo para refinar. O que importa é ter inteligência para produzir cidadãos. A frase diz: “Eduque uma criança, você não vai ter que prender um adulto.”

Arnaldo Niskier: É isso mesmo que acontece. E há uma certa incoerência aí na praça. Facilitaram um pouco a vida de bares, de restaurantes etc. Acho que essa parte não foi bem conduzida. Você tem experiência em ensino remoto. Como você viu esse aspecto do ensino a distância nesse processo?

Antenor Barros Leal: Essa é uma coincidência positiva no sentido de que a possibilidade de aulas via internet encontrou uma quantidade de jovens apta a fazer isso. Antigamente, quando as pessoas não tinham acesso, teria sido pior, mas hoje, como seus netos trabalham essas máquinas com grande facilidade, só foi pior para aquelas pessoas que não tinham um smartphone, um computador em casa. Esse fato, junto com a capacidade das crianças em manobrar esses equipamentos, supriu um pouco a falta da escola. Não supriu plenamente, porque a escola tem o componente de socialização, de troca de ideias, de troca de amizade, o que prova que houve um erro grande no encaminhamento desse assunto.

Arnaldo Niskier: Há uma ideia de reviver o Centro do Rio como local de moradia. Isso devido ao problema de transportes e outros mais. Você é favorável à comercialização do centro da cidade, mas como moradia?

Antenor Barros Leal: Muito favorável. Muito. O Rio não pode ser diferente de outras cidades. Em qualquer cidade do mundo, há pessoas morando em todos os locais. Na 5ª Avenida, que é um centro americano de comércio, milhares de pessoas moram ali, moram ao lado, moram na 6ª avenida, moram na Madison, moram juntos. Acho que ocupar o Centro do Rio, principalmente nessa parte antiga, tinha que ser explorada. O prefeito Eduardo Paes sempre pensou nisso, tomara que invista nisso profundamente para fazer ali apartamentos de dois quartos e permitir que as pessoas voltem a morar no centro da cidade. Não tem por que excluir uma parte tão bonita da cidade da moradia para que as pessoas possam andar perto de casa, ter supermercado. Aliás, nas

paralelas da Rio Branco, tem alguma vida comercial que poderia ser expandida com a moradia das pessoas. Acho que o prefeito tem uma ideia interessante, a sua Academia Brasileira de Letras também pensou nisso, a Associação Comercial já pensou nisso e vai voltar o assunto com o prefeito Eduardo Paes. Tenho a impressão de que o conjunto da inteligência da cidade vai forçar que o Centro volte a realmente a fazer parte da cidade.

Arnaldo Niskier: Gostaria de ouvir sua opinião sobre essa atividade de preparação dos jovens para o trabalho.

Antenor Barros Leal: Sempre digo, quando converso com as pessoas, que, dentre as diversas posições que já assumi, a que me deu mais orgulho, mais sensação de realização pessoal, foi quando, junto consigo, administramos o CIEE, porque ali transformamos pessoas. Nada é mais diferente do que um aluno, um jovem que chega no CIEE hoje e daqui a um ano. A diferença é abissal. Transformamos vidas. Somos, de repente, transformados quase em entidades divinas, porque transformamos vidas, damos oportunidade às pessoas, abrimos destinos, abrimos estradas e não há no seu currículo de jornalista, acadêmico, escritor, nada que se compare ao seu trabalho no CIEE. Seu trabalho no CIEE é o trabalho da transformação de vidas, é a oportunidade que Deus lhe deu, agora como presidente, excepcional. Pode bater no peito e dizer: “Eu transformo a vida de 30 mil jovens por ano.” Isso é um privilégio maravilhoso que nos foi dado. Então, o trabalho do CIEE é um trabalho maravilhoso, transforma vidas, cria estradas, dá destinos. Não há outras palavras para definir esse trabalho excepcional do CIEE.

Arnaldo Niskier: Acho que complementaria seu belo pensamento se falasse do relevo que tem, nesse processo de formação de jovens e aprendizes, estagiários e aprendizes, a boa educação que é necessária para essa transformação. O que tem sido feito para educar esses jovens é com ajuda de entidades que você conhece muito bem, como SESC, SENAC, SENAI, SESI? Isso tudo junto faz essa transformação? O que você acha?

Antenor Barros Leal: Você realmente tocou num ponto impressionante. Essas entidades se fizessem, com seus imensos recursos, parte do trabalho que o CIEE faz, realmente justificaria a sua existência. Seria muito interessante se essas entidades se chegassem ao CIEE para aprender como é que, com tão pouco recurso, produzimos tanto. É um exemplo maravilhoso de como transformar pessoas sem gastar muito, sem fazer prédios fabulosos, sem tapetes caríssimos, sem automóveis, sem viagens internacionais produzindo pessoas, produzindo destinos. O CIEE tem muito que ensinar a essas entidades. Eles deveriam se aproximar do CIEE para saber que milagre fazemos com tão pouco dinheiro, porque tem amor, tem preocupação com o país, isso é coisa que não tem preço. Preço é a sua alma, seu coração, sua vontade de ajudar o país.

Arnaldo Niskier: De vez em quando acordamos com uma notícia de que o governo federal quer botar a mão nesses recursos, quer usar esses recursos com outras finalidades não muito claras, pelo menos para mim. Você acha que faz sentido essa “sociedade” em que o governo federal quer tomar uma parte dos recursos do chamado sistema S? Isso não é uma aberração?

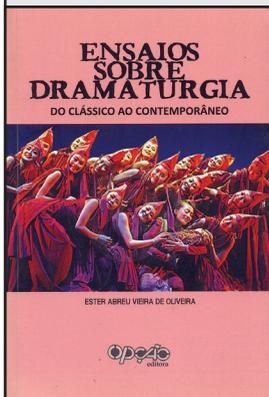
Antenor Barros Leal: Gosto muito (pela minha profissão) de fazer análise de custo/benefício. É muito importante que essas entidades comprovem que o custo/benefício delas se justifica. Isso significa: a cada real recebido, a cada real retornado à sociedade. Nós do CIEE, se fizessemos isso, teríamos uma nota excepcional e o professor, por ser presidente de um CIEE importante, sabe o que significa retorno sobre investimento. Acho que o trabalho dessas entidades tem sido importante, mas precisam provar ao governo que são realmente fundamentais para o futuro do país. Se não comprovarem que esse custo/benefício é importante para a sociedade, não precisam existir. Mas se, pelo contrário, provarem que caminham bem, educam, instruem, transformam pessoas, se justifica. Não há nada melhor para um argumento do que fatos comprovados de custo/benefício, de como foi empregado o dinheiro. Acho que isso é uma missão própria da entidade. As entidades precisam comprovar sua existência. O CIEE, que é uma entidade que não recebe nenhum centavo do governo, produz vidas, produz destinos à custa de seu próprio esforço e das empresas parceiras, é um exemplo disso. Como que, com tão pouco, produzimos tanto? Esse tipo de conta há de ser feita para respeitar a sociedade.

Arnaldo Niskier: E é um trabalho sério. Por isso acho que o número de jovens estagiários, jovens aprendizes que procuram o Sistema é crescente e a satisfação de estarem vinculados a esse sistema é muito grande. Concordo com você que era preciso um pouco mais de agressividade na parte de relações públicas, enfim, na parte de imprensa propriamente dita, mas isso virá com o tempo. Há também uma contrapartida que é o próprio governo tomar juízo e verificar que não é aí que está o problema. Os problemas econômicos são outros e a própria exigência do auxílio emergencial tem mostrado que é preciso fazer muito mais do que tem sido feito.

J Livros e Autores

por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



ENSAIOS SOBRE DRAMATURGIA

Na obra *Ensaio sobre Dramaturgia: do clássico ao contemporâneo* (Editora Opção, 2016), Ester Abreu Vieira de Oliveira apresenta uma série de estudos produzidos ao longo de sua carreira de escritora, pesquisadora e professora de literatura, sobretudo hispânica. A coletânea é dividida em três partes: 1) Um texto pra Teatro, 2) Estudos Clássicos e 3) Estudos da Modernidade e da Pós-Modernidade. A pesquisa apresenta as principais correntes e os criadores fundamentais da dramaturgia, encenação e atuação do final do século XIX até a ruptura dos modelos da teatralidade nas primeiras décadas do século XX. O trabalho traz uma interessante abordagem historiográfica das manifestações teatrais, realizando

um importante exame das tendências paradigmáticas do teatro.

No prefácio, a professora Maria Mirtes Caser, doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ, recomenda: “Estamos seguros de que a leitura será uma experiência de aprendizado e de prazer nos moldes de uma boa peça de teatro, que a autora nos convida a conhecer e admirar.”

Graduada em Letras Neolatinas pela UFES (1960), especialista em Filologia Espanhola (Madri, 1968), Mestre em Língua Portuguesa pela PUC do Paraná (1983), Doutora em Letras Neolatinas pela UFRJ (1994) e pós-Doutora em Filologia Espanhola: Teatro Contemporâneo (Madri, 2003), Ester Abreu Vieira de Oliveira é presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

A REVOLUÇÃO DA LONGEVIDADE

No livro *A Revolução da Longevidade – viva cada etapa da sua vida com prazer e sabedoria* (Editora Alaúde, 2021), a jornalista Valéria Martins fala sobre os desafios do envelhecimento e os rumos dessa etapa natural, tendência para o século XXI.

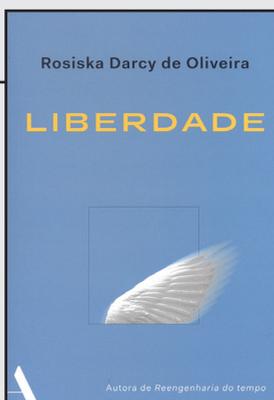
Atualmente, cada vez mais pessoas chegam aos 100 anos. Pesquisas garantem que, nas próximas décadas, o número de idosos irá suplantar o de jovens no planeta. Com um texto repleto de informações, a autora nos convida a refletir sobre temas diversos. Cada capítulo começa com uma breve história, ilustrando o que vem a seguir. Médicos e especialistas em várias áreas foram entrevistados, entre eles Dr. Jorge Félix (No futuro, seremos todos gerontólogos), Dra. Sophie Deram (“Comer bem e o suficiente”) e Dra. Ana Claudia Quintana Arantes (Morrer em paz e com dignidade). O resultado conjuga leveza e otimismo, na mesma medida. Valéria Martins nasceu no Rio de Janeiro, em 1966. Jornalista formada pela PUC-Rio, trabalhou em diversas revistas das editoras Bloch, Globo e Abril, e para os jornais *O Dia* e *Valor Econômico*. É autora de vários livros de ficção e não ficção, entre eles, *Encontros com Deus – 21 personalidades narram sua busca espiritual* (entrevistas, Ed. Mauad, 1997), *A Pausa do Tempo* (crônicas, Jaguatirica, 2013) e *Sara anda mais bonita* (conto, Megamini, 7Letras, 2016).



LIBERDADE

Em *Liberdade* (Ed. Rocco, 2020), a acadêmica Rosiska Darcy de Oliveira expõe sua persistência na liberdade como um instinto. A coletânea reúne oito textos que abordam temas relacionados à atualidade. A obra fala sobre o ódio, a intolerância e o autoritarismo, discutindo uma visão fundamentalista de um mundo que brota do medo e da insegurança frente à atual era da incerteza. Mas a visão da autora não é pessimista, como afirma a contracapa: “Este livro é um ato de resistência. Um esforço de leitura do mundo contemporâneo para além das aparências que suscitam pessimismo e desalento, uma busca das presenças da liberdade lá onde essa fênix rebelde ressuscita, no acidentado cotidiano de homens e mulheres que amam e ganham suas vidas fazendo escolhas, seguindo seus desejos, afirmando contra o conformismo do senso comum, denominadores incomuns, exercendo a exigente arte de viver.”

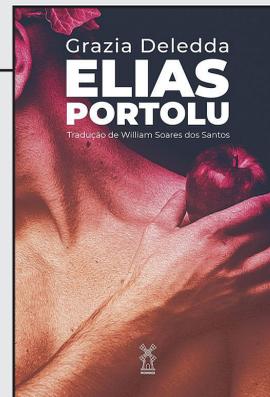
A escritora e jornalista Rosiska Darcy de oliveira ocupa a cadeira 10 da Academia Brasileira de Letras. Autora de mais de uma dezena de livros, entre eles, *Elogio da Diferença* (1991) e *Reengenharia do Tempo* (2003), obras ensaísticas sobre o feminino. Sua trajetória foi contada no documentário *Elogio da Liberdade* (2019), de Bianca Comparato.



ELIAS PORTOLU

A obra *Elias Portolu* (Ed. Moinhos, 2021) representou um marco na carreira de Grazia Deledda, uma das mais importantes expressões literárias da Itália entre os séculos XIX e XX, sendo a primeira (e, até o momento, a única) mulher italiana a ganhar o prêmio Nobel de Literatura, em 1926. Os leitores brasileiros já podem ter acesso ao livro, através da tradução do professor da UFRJ William Soares dos Santos. A trama do romance é centrada na relação amorosa entre cunhados, o que, na época retratada, era considerado incesto. Elias Portolu se apaixona perdidamente pela mulher de seu irmão. Na passagem do século XIX para o XX, o ambiente era extremamente conservador. O livro aborda não apenas as indecisões de um homem, mas as decisões que muitos de nós temos de enfrentar durante a existência.

William Soares dos Santos tem graduação em Letras (Português/Italiano, 1997) e mestrado em Linguística Aplicada (2002), ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e doutorado em Letras (Estudos da Linguagem) pela PUC-Rio (2007). É professor Adjunto da Faculdade de Educação da UFRJ, onde atua como Professor de Prática de Ensino de Português e Italiano. É, também, professor do Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PIPGLA), da Faculdade de Letras da UFRJ.

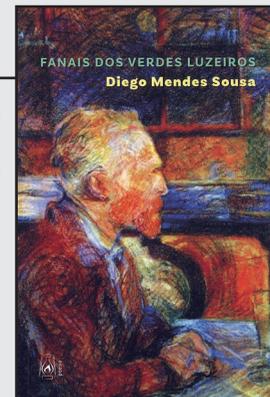


FANAIS DOS VERDES LUZEIROS

Fanaís dos Verdes Luzeiros (Editora Penaluz, 2019), de Diego Mendes de Sousa, é dividido em duas partes: Estilhaços do Tempo e Âncoras da memória. A voz do poeta vem de dentro de cada palavra selecionada, com versos harmônicos que nos dão a compreensão plena do que há de evocativo nas lembranças. A excelência da escrita do poeta arrancou elogios da crítica.

As opiniões são unânimes: “A obra de Diego Mendes de Souza – sempre bem cuidada – consagra-se na Literatura brasileira, afirmou Stella Leonardos (1923-2019). Thiago de Mello (1926-) afirmou: “Acompanho comovido o amoroso trabalho de Diego Mendes de Sousa a serviço da poesia, de alta e delicada qualidade.” Na contracapa, Fabio de Sousa Coutinho (1951-) atesta: “O autor é, a rigor, a confirmação de uma vocação que se revelou precocemente e, hoje, ainda antes de tornar-se balzaquiana, já evidencia o acerto de quantos previram, há meia dúzia de anos, a vitória da boa poesia na pena firme, lúcida e convicta de um bardo a caminho de inescapável consagração em âmbito nacional.”

Diego Mendes de Sousa nasceu na Parnaíba, Piauí, em 1989. Advogado, jornalista e professor, autor de vários livros, é membro titular do PEN Clube do Brasil, da Academia de Letras do Brasil e da Academia Brasileira de Direito.



“COMO VOCÊ DECIDE A SUA VIDA?”

Em *Como Você Decide a sua Vida? – a viagem do condicionamento à essência* (Ed. Gôndola, 2021), Manika Apsara oferece, de modo original, sua experiência como terapeuta, convidando os leitores a penetrar numa autoinvestigação, guiados pelo discernimento de uma terapia.

Didática em sua abordagem, seu estilo mescla conceitos e enunciados teóricos com analogias e exemplos práticos. No prefácio, Mário Xavier (Anand Neerava) afirma: “Impossível ler e vivenciar a fala de Manika nesta obra sem mergulhar na viagem sem fim que é a bênção e a graça da autodescoberta, por mais desafiante – e mesmo assustadora – que seja a missão de olharmos sem medo e preconceito para os nossos próprios condicionamentos, tendo a coragem e a sabedoria de decidirmos, afinal, o que somos em essência e o que verdadeiramente queremos de nossa vida.”

Manika (Apsara Freitas) é Terapeuta Renascedora e Terapeuta Primal, discípula de Osho. Iniciou seu caminho de autodescoberta e treinamento profissional nos anos 1990, tornando-se terapeuta das técnicas de autoconhecimento e autodesenvolvimento conhecidas como Renascimento (Teoria da Respiração) e Primal. Atua como Master Avatar formada pela Star's Edge Inc., desde 2001. É credenciada pela Osho Global Connections para ministrar eventos de Osho Meditation Activity.



O modelo remoto na educação

Celso Niskier é entrevistado pelo jornalista Bruno Thys



Bruno Thys: Celso Niskier é educador, Doutor em Inteligência Artificial pela COPPE da Universidade do Rio de Janeiro, fundador da UniCarioca, que está completando 30 anos, membro da Academia Brasileira de Educação e dirigente da Associação Brasileira de Mantenedoras de Ensino Superior – ABMES. Nos conhecemos, há algumas gerações. Ele é filho do Prof. Arnaldo Niskier, membro da Academia Brasileira de Letras, uma figura muito querida, e D. Ruth, isso é importante registrar.

Celso Niskier: É uma satisfação, uma honra, abrir esse Ciclo de Tendências falando exatamente sobre educação, até porque tudo começa pela educação. Vivemos um momento muito desafiador para todo mundo, em particular para o Brasil, com tudo o que vem acontecendo nesse momento crítico de pandemia. A educação teve que evoluir, se adaptar e de fato criar novos modelos que, na verdade, já estavam se desenvolvendo e foram acelerados nessa crise. Há grandes desafios que temos que vencer nesse mundo que está surgindo.

Bruno Thys: Exatamente, queria tocar nesse ponto, estamos falando de tendências, coisas que já estão no nosso horizonte, coisas que já enxergamos. Fala-se que 2020 foi um acelerador de coisas que já iriam acontecer mais para a frente e foram antecipadas, mas também teve o imponderável e ainda estamos num impacto. A área de educação talvez tenha sido a mais impactada, todas foram impactadas, mas a educação parou. Queria que você fizesse um panorama hoje para nós da situação.

Celso Niskier: Vamos falar um pouco sobre educação superior, em seguida falo um pouco da educação básica, porque os impactos foram distintos. Na área da educação superior, falo aqui em especial na educação superior particular, que representa cerca de 80% dos 8 milhões de estudantes, 6 milhões e meio de estudantes são de instituições particulares em nível universitário. Fizemos uma pesquisa pela ABMES, e percebemos que, em duas semanas, 82% das instituições já haviam feito adaptação para o modelo remoto. Os professores foram heróis. De uma hora para outra, eles convidaram os estudantes para suas casas, ligaram o Zoom, o Teams, o Meet, aprenderam a mexer com essas ferramentas, com as quais até hoje muitos têm dificuldades, e adaptaram suas aulas para que esses jovens pudessem ter continuidade nos seus estudos. As universidades públicas tiveram um pouco mais de dificuldade por razões culturais, por dificuldade dos próprios alunos e estudantes, muitos dos quais não têm acesso à internet ou não tem um ambiente dentro de casa onde possam se dedicar ao estudo.

Com relação à educação básica, foi um pouco parecido, as escolas particulares conseguiram se adaptar. As escolas públicas apresentaram mais dificuldade, mas a educação infantil foi uma tragédia. Muitas escolas de fato fecharam, porque não há como colocar uma criança de dois, três, quatro anos na frente de um computador. Certamente o prejuízo foi e é muito grande. Vamos ter *gap* de aprendizagem. O Brasil, infelizmente, foi o país onde as escolas ficaram mais tempo fechadas na América Latina com certeza, é um dos líderes mundiais do fechamento de escolas. Isso é incompreensível.

As escolas deveriam ter sido as últimas a fechar e as primeiras a reabrir, isso infelizmente não aconteceu. De um lado, houve um esforço heroico dos professores para que fossem mantidas as atividades e certamente tivemos um desempenho, especialmente na educação superior, que não foi igual a outros setores que foram muito mais impactados. Por outro lado, vamos ter que tirar esse atraso nos próximos anos, teremos que ser criativos como educadores para garantir que esse *gap* de aprendizagem seja recuperado. Pelo lado positivo, o modelo híbrido, essa versão nova de ensinar, combinando o presencial o não presencial, vai ser a grande novidade do pós-pandemia.

Bruno Thys: O não presencial e o ensino a distância são coisas diferentes?

Celso Niskier: São diferentes. O modelo tradicional de educação, que tem origem na área industrial, era ideia de uma linha de fábrica mesmo, você bota um conjunto de alunos, o professor despeja o conhecimento, sai o professor, entra outro professor, despeja mais conhecimento, é uma linha de fábrica. Esse modelo depende de uma coisa básica: pessoas no mesmo lugar ao mesmo tempo. Com a pandemia (já havia antes disso a educação a distância), é possível que pessoas interajam não estando no mesmo local ao mesmo tempo e nem ao mesmo tempo. Então, no não presencial, existe a possibilidade de encontros síncronos, que é a aula remota que estamos tendo aqui, não estamos no mesmo lugar, mas estamos conectados ao mesmo tempo. O modelo assíncrono é quando o estudante estuda sozinho e, quando tem uma dúvida, consulta o professor. Então, a educação a distância hoje vai se dividir, grosso modo, em dois modelos: o modelo que já havia antes, que era o aluno estudando sozinho com apoio eventual de tutores; e o modelo novo, esse modelo de aulas remotas, que acho que vai ter continuidade, mesmo depois da pandemia para os programas de educação a distância.

Bruno Thys: Lembro-me que, na faculdade, quando estava estudando na PUC, tínhamos uma vida acadêmica, havia os intervalos, fazíamos amizades, discutíamos, fazíamos trabalhos não necessariamente dentro da sala de aula, enfim, era importantíssima a troca. Tinha o ciclo básico, você se relacionava com pessoas de outras áreas. Então, tinha essa formação que, para mim, talvez tenha sido tão importante quanto a formação didática objetiva, e isso se perde.

Celso Niskier: Se perde muito, por isso que não acredito no desaparecimento da sala de aula, ao contrário, somos seres humanos, somos seres sociais, queremos nos encontrar, queremos interagir. Nosso cérebro (dizem alguns estudiosos) ficou desse tamanho para que pudéssemos viver em sociedade, com grupos maiores, administrar os conflitos de uma interação social mais ampla. Então, somos seres sociais. A escola cumpre um papel social fundamental e não vai desaparecer.

Vamos ter que inovar para atrair os alunos para um ambiente acadêmico que seja realmente diferente. Acredito muito nas metodologias ativas. As salas não vão ser mais para transmissão de conhecimento, mas para aplicação prática de conhecimento. É isso

que você falou na sua experiência universitária: para trabalho, para debate, para discussão, o conteúdo vai estar lá digital, inclusive você lê antes, vem para debater aquele conteúdo e o professor que vai ser aquele grande facilitador, mais um designer da aprendizagem do que um mero entregador do conhecimento, que era, no fundo, uma tarefa burocrática, repetida. Ele vai poder ser muito mais criativo em sala de aula.

Bruno Thys: Essa é a visão positiva. Você já vê em alguns lugares algumas experiências interessantes acontecendo?

Celso Niskier: Sim, estivemos, antes da pandemia, em visita ao Estado de Israel. Antes havíamos ido à Rússia, no ano seguinte fomos à China. Em Israel, fomos à Open University, perto de Tel Aviv, e nos mostraram a sala de aula do futuro. Era uma sala em que tínhamos carteiras, mas também a mesa do professor na forma de uma mesa de reunião e uma grande TV com câmeras. Era uma grande sala híbrida onde havia a presença do professor, mas ele transmitia de lá para quem não estava. E quem não estava, estava ao vivo, conectado com as pessoas em sala de aula. Então, era uma grande *mishmash*, grande combinação de tecnologia. A tendência é que as salas fiquem assim, uma combinação de presença física, presença remota e muito conteúdo não presencial a ser estudado entre as aulas. Esse é o modelo que chamaria híbrido, vencedor no futuro.

Bruno Thys: Mas a educação anterior é sobretudo socializante, em que a experiência em sala de aula é insubstituível, você reconhece o outro e reconhece a si mesmo. Lembro que, quando garoto, a gente conhece alguém, fica amigo e vai dormir na casa e você vê como é a dinâmica de uma outra família e começa a expandir suas relações. Me preocupa muito essa fase anterior à universidade.

Celso Niskier: Concordo inteiramente, principalmente a educação básica, que é um processo de formação da criança e do jovem. Ele está em formação, então qualquer tempo perdido, qualquer oportunidade perdida de interação social será difícil de recuperar lá na frente. A sociedade tem a responsabilidade de garantir uma aprendizagem e uma socialização adequadas, não queremos formar monstros sociopatas, porque depois dá no que temos assistido. Temos que garantir uma escola que realmente cumpra esse papel, mas acho que, no fundo, é a mesma escola (e trabalhamos para que a própria escola pública tenha condições de acesso, de tecnologia), mas vamos assistir a uma sala mais tecnologicada, as ferramentas da tecnologia entrando numa sala de aula. O segundo exemplo que ia comentar foi a viagem à China. Entramos numa sala, numa Edtech, uma empresa de tecnologia educacional nova, com umas câmeras (com nossas caras) nos filmando e do lado do rosto de cada um aparecia um emoji triste, alegre. Se você simulava uma gargalhada, ele dizia “está alegre”; você fazia cara de choro, ele dizia “está triste”. Qual a ideia? A ideia é que esses equipamentos, claro que uma vez autorizados pelos pais das crianças, monitorem as reações emocionais das crianças durante a aula. São capazes de identificar um aluno que esteja sendo vítima de bullying, perceber o aluno

que está desconectado do processo de aprendizagem”. Isso não vai substituir a arte e a técnica do professor talentoso, mas são ferramentas que se somam ao trabalho do professor, oferecendo melhores condições de personalizar a experiência do aluno em sala de aula. Com uma educação mais personalizada, mediada por tecnologia, o professor pode fazer um trabalho melhor de atender a cada aluno, segundo as suas características. Então, essa é uma esperança. Sou um cara otimista, é o meu papel, quem decide trabalhar em educação é naturalmente uma pessoa otimista, porque trabalhamos em prol das futuras gerações e temos que apostar no futuro. Nesse sentido, essa pandemia (isso aconteceu em outros momentos da história da civilização) é uma oportunidade que temos de usar a criatividade, a engenhosidade humana para criar melhores condições de vida para as gerações que virão. Na educação, essa transformação já começa a acontecer.

Bruno Thys: Provavelmente, estamos no limiar de uma nova sociedade, ou seja, no fim da era industrial e em um novo momento que podemos chamar era do conhecimento, digital acho que é pouco para o tamanho da mudança, e a educação está nesse contexto.

Celso Niskier: Uma coisa muito importante que pouca gente dá atenção é o chamado autoconhecimento. A tecnologia funciona num mundo digital, é o mundo do 0 ou 1 e esse raciocínio leva a esse radicalismo, a esse Fla-Flu eterno que o mundo vive hoje, polarizado com ideologias de A ou de B. O risco da tecnologia é dar o entendimento errado de que as coisas podem ser calculáveis. A realidade é complexa, é em tons de cinza, então temos que trazer esse pensamento ambíguo e complexo para dentro da sala de aula, estimulando a reflexão crítica dos estudantes. Então, veio a questão do autoconhecimento, alguns até utilizam os recursos da meditação para poder buscar esse autoconhecimento. É que muito mais do que botar pedrinha num balde, se imaginarmos a mente de um jovem estudante como um balde, modelo do balde. Muitos acham que educação é encher o balde de pedrinha. Nada contra, só que educação não é encher o balde de pedrinhas, é alargar o tamanho do balde e a maneira de alargar o balde, alargar a consciência é através de um esforço de autoconhecimento. Poucas escolas estão atentas hoje à necessidade de mergulhar o aluno para dentro de si para que ele possa conhecer as emoções, conhecer os pensamentos, as crenças limitantes e sabemos que hoje o mundo do trabalho busca pessoas com equilíbrio. É fundamental também as escolas terem a preocupação de garantir a saúde e o bem-estar e garantir também que os alunos saiam com a chamada inteligência emocional que complementa o chamado QI, a inteligência, vamos dizer, cognitiva, a inteligência emocional é um complemento. São desafios que têm que ser pensados também nesse momento em que estamos imaginando a escola do amanhã.

Bruno Thys: No Brasil, ad perpetuum, se fala que educação é a redenção do país e não há menor dúvida disso. O que há de diagnóstico é impressionante, de pesquisas, e agora a dificuldade é a transformação disso em realidade. Se você me perguntar: “Qual a grande vacina da humanidade?” A educação.

Celso Niskier: A vacina contra a ignorância. Aliás, estamos sofrendo por ignorância, ignorância de muitos dirigentes na condução de todo esse processo e isso não posso dizer de outra forma. A escola falha quando permite que crenças da Idade Média prosperem como se fossem verdade. Você é um profissional da área e sabe do risco das fake news e da necessidade de fazer uma espécie de educação midiática nas escolas para que os jovens saibam separar a opinião do fato, a verdade da crença.

Bruno Thys: Queria sua opinião sobre essas escolas que tratam o aluno de sete, oito anos como CEOs, são escolas caríssimas e que oferecem uma carga pesadíssima, na minha opinião, sobre uma criança.

Celso Niskier: Muito, muito. A criança já traz para dentro da escola uma série de expectativas que recebe na comparação com seus pais. Então, ela já

tem, muitas vezes de forma inata, o desejo de ser igual ou ser melhor e, ao mesmo tempo, não se sentir assim, já vem com essa questão para dentro da escola. Quando você cria uma situação de competitividade e não de cooperação, que é a melhor forma de se aprender, você estimula ainda mais esse viés “eu contra os outros”, individualista, que pensa em si e não no coletivo. Sempre defendi escolas com uma visão do coletivo, não com uma visão de formar CEOs. Isso acaba acontecendo naturalmente, há pessoas com mais habilidades de liderança, outras que são mais de expressão artística, outras que vão mais para a área de ciência que, por definição, não há liderança. Há, no máximo, líder de um laboratório, de um grupo de pesquisa, mas, mesmo o líder do maior laboratório de pesquisa, quando manda seus trabalhos, eles têm que ser revisados pelos seus pares que, muitas vezes, ele não sabe quem são. É realmente um sistema cujo poder é muito distribuído. A criança tem as suas personalidades, suas habilidades, então o melhor para fazer numa escola não é identificar uma característica que seja mais importante, ser líder ou ser artista ou ser cientista. É deixar que isso aflore naturalmente a partir da diversidade, a partir do contato. Portanto, sou contra.

Bruno Thys: Na criança, a chance, a perspectiva de frustração é muito grande, porque ela tem que nascer liderando, tem que liderar sempre, planejar, organizar, é complicado aquilo. Não estou fazendo meu dever de casa, estou planejando, organizando, é difícil.

Celso Niskier: Não há também como se ter um ambiente de “vamos dar a mão, somos todos iguais”. Acho que você tem que reconhecer diferenças, porque elas são naturais, mas você não tem que pautar os currículos com base nas diferenças, nem escolher caminhos que seriam os mais adequados. Uma das características do Eliezer, que valorizei muito na minha formação (um abraço a todos os professores, D. Shirley, D. Dora, todos da minha geração e das que vieram antes), é que produziu, na minha turma, grandes artistas, grandes cientistas, empresários, líderes, profissionais liberais. Então, não é um modelo em que entra um monte de gente e sai todo mundo naquela forma.

Saiu cada um segundo sua vocação e reputo isso ao fato de a educação ser uma educação com a visão até mais progressista e era uma visão de que todos têm potencial e de que a educação não é para enrijecer, é para abrir, para ampliar a consciência. Queremos consertar o mundo às vezes pelo lado progressista, às vezes pelo lado empresarial, mas acho que os judeus, não quero generalizar, mas sinto isso como um legado da nossa tradição, têm essa vontade de deixar o mundo melhor do que quando encontramos. Então, isso geranaturalmente uma inquietação positiva e que acaba gerando uma visão empreendedora da vida. Estamos na vida para cumprir uma missão de preparar o mundo para a vinda do Messias. Olha que importância nos é dada e aí, com isso, não podemos perder nenhum minuto.

Bruno Thys: Queria perguntar para você o seguinte: nessa nova sociedade, nesse novo mundo, nesse novo agrupamento de quem é o papel (é difícil isso, sei que é) de ensinar a vida toda? É da empresa, é do Estado, é da iniciativa privada, da universidade pública privada ou é um combo disso tudo? Quer dizer, como vou me desenvolver?

Celso Niskier: É do indivíduo, quer dizer, você vai escolher sua trilha. Acho que o mundo da aprendizagem vai ser uma combinação de trilhas e pausas. Você vai escolher trilhas de conhecimento. “Quero me aprofundar agora em meditação.” Aí você pausa, reflete, segue uma nova trilha. “Agora quero uma trilha para me habilitar a conhecer culturas diferentes.” Você pausa e vai para outra trilha. Acho que o controle é do indivíduo. As possibilidades são tão grandes que não cabem mais nos cursos tradicionais e carreira não é uma definição mais estática, carreira é uma definição dinâmica, a sua carreira vai sendo atualizada conforme as circunstâncias. Não cabe a ninguém, cabe ao

indivíduo e ele vai escolher de que organização vai fazer parte. Aqui estamos fazendo uma espécie de discussão que pode levar a um futuro interesse em uma formação. A universidade tem um papel a exercer, as empresas, acho que todos vão ter papéis a desempenhar, mas o controle é do indivíduo, ele que decide.

Bruno Thys: Agora a formação do professor... Você crê que ela se perpetue? Mestrado ou doutorado, esse modelo que é industrial como você lembrou, o PhD, o pós-doutorado... Isso está estruturado para esse novo momento?

Celso Niskier: Acho que quem vai seguir a carreira de pesquisa tem um caminho muito tradicional. A pesquisa depende do amadurecimento do cientista. Quando ele faz uma tese de doutorado, você não tem que ganhar um Prêmio Nobel, você tem que mostrar que é um pesquisador. Então, todo processo de formação de um pesquisador tem etapas com a graduação, com o mestrado e, principalmente, com o doutorado e o pós-doutorado, que é uma continuação. Essa é uma carreira tradicional, ninguém vira pesquisador da noite para o dia, precisa passar por essas etapas, precisa amadurecer, inclusive precisa ter humildade, porque parte do processo é levar bomba, algumas vezes ter artigos rejeitados para você botar a viola no saco e entender que você não é a última bolacha do pacote, isso faz parte da formação de um bom pesquisador. Agora, o empreendedor, seja o empreendedor que vai abrir uma empresa, seja o empreendedor individual, pessoa empreendedora, tem uma multiplicidade de formações.

Acredito que muito do que vai emergir na pandemia vai depender desse espírito empreendedor do ser humano, em particular dos brasileiros, que é a capacidade de não ficar no “mimimi” dependendo do Estado, reclamando das circunstâncias, ir buscar essas soluções, inclusive porque o estado, o governo somos nós. Nós é que elegemos o que está aí, então a capacidade também de escolher melhor faz parte de saber cuidar da sua própria vida e dos seus interesses.

Bruno Thys: Penso também em levar informação suficiente para tranquilizar a garotada, porque todo mundo ouve falar que você tem que se inovar, se reinventar. Talvez não, você pode fazer muita coisa a partir do que já existe, tudo bem, tem gente que vai conseguir.

Celso Niskier: O pessoal fala *reset*, vamos resetar...

Bruno Thys: Queria lembrar um pouco da importância da inteligência emocional. Lembro que, na empresa onde trabalhei, Grupo Globo, fazíamos coaches internos e ouvi uma frase que acho muito interessante: “Com regra de três, bom senso e juízo você vai longe”. A solução de problemas hoje é um desafio importante para você avançar.

Celso Niskier: Essa capacidade de resolver os problemas com bom senso, com praticidade, não precisar escrever uma teoria para resolver o problema. Não só judeus, mas todos que lidam com o dia a dia, com a prática são capazes de resolver problemas. Viver não é difícil, viver não é complexo, quer dizer, o mundo está complexo, mas viver é até muito simples, nós que complicamos, muitas coisas que colocamos como necessidades e que são meramente desejos, não são necessidades, são preferências. Acho que parte do processo de aprendizagem é desaprender também um pouco, Alvin Toffler falou isso, desaprender para depois reaprender. Então, em última análise, em qualquer educação é preparar o ser humano para amar e para levar uma vida produtiva.

Bruno Thys: Queria agradecer novamente ao Celso em nome do Midrash, do Rabino Nilton Bonder. Queria, se o Celso me permite, dedicar essa nossa conversa ao Dr. Pedro Bloch, grande figura, dramaturgo, tocava piano, trouxe a fonoaudiologia para o Brasil, não sei se teve reconhecimento também, não sei se ele perseguia isso...

Celso Niskier: Ele teve, mas teve a humildade de não se afetar por isso, sempre foi uma pessoa de muita integridade própria, talvez devesse até mais pelas obras dele de teatro e na literatura.

Paulo Gustavo, único

Por Manoela Ferrari

manoela.ferrari@gmail.com



A multiplicidade do talento de Paulo Gustavo foi responsável pela criação de vários personagens de sucesso.

Símbolo da resistência pela arte, metáfora de todas as perdas da pandemia de Covid-19, Paulo Gustavo provocou uma revolução na comédia brasileira.

Não é apenas o eco dos aplausos e lamentos nacionais que inscrevem um marco de genialidade na trajetória do humorista, roteirista e ator Paulo Gustavo, uma das quase meio milhão de vítimas da Covid-19, no Brasil. Os números que evidenciam o seu sucesso também revelam grandeza, justificando a comoção uníssona provocada no país, à qual o JORNAL DE LETRAS se une, em luto por um artista que transcende as divergências.

A arte tem a função de nos religar com o sentido mais amplo da existência. Quando perdemos um talento do quilate do Paulo Gustavo, que conquistou fãs de todas as idades e perfis, com seus múltiplos personagens no teatro, cinema e TV, a sensação de vazio se alastra como pólvora, incendiada num cenário de tragédias sucessivas.

Metáfora de todas as perdas, símbolo da resistência pela arte, pelo afeto e pelo humor, com estilo original e inteligente, transbordando carisma e domínio de cena, Paulo Gustavo provocou uma revolução na comédia brasileira, estabelecendo um novo padrão na arte de fazer rir o país.

Seu primeiro monólogo no teatro – Minha mãe é uma peça – tornou-se um fenômeno, visto por mais de dois milhões de espectadores, além de render-lhe o Prêmio Shell, em 2006. Craque em fazer graça com situações cotidianas, criou um estilo único, responsável por uma mudança de paradigmas. Seu humor crítico, com um *timing* afiado, falava de questões comuns e de disfuncionalidades sociais, com leveza e criatividade ímpares, causando identificação imediata do público.

Os números em torno dele ultrapassavam, sempre, a casa do milhão. O roteiro da peça, adaptado para o cinema, arrastou para as salas de exibição mais de 16 milhões de espectadores, somando 212 milhões de reais em uma bilheteria sem precedentes. Continuando o sucesso do teatro, reuniu mais de 5 milhões de pessoas em torno das peças 220 Volts e Hiperativo. No mercado publicitário, seu cachê passava de 1 milhão de reais.

Desde o início da pandemia, preocupou-se com o rumo da tragédia sanitária. Fez doações vultosas, sem divulgação. Ajudou profissionais do cinema, com quantias mensais, comprou cilindros de oxigênio para Manaus e destinou verbas ao projeto filantrópico Obras Sociais Irmã Dulce, na Bahia. No começo deste ano, fechou um contrato – que ainda não divulgara – com a Amazon. Seria a primeira estrela nacional

a se tornar artista exclusivo da plataforma Prime Video. Especula-se que teria recebido, só de luvas, 2 milhões de reais.

Vários colegas se manifestaram, homenageando a trajetória do artista. Entre eles, a grande dama do teatro brasileiro, Fernanda Montenegro, que escreveu nas redes sociais: “Paulo Gustavo partiu no momento máximo de sua realização como ator, artista, como um sagrado provocador, como um ser aglutinador, um criador, um libertário. Sim, Paulo Gustavo, ‘rir é um ato de resistência’. Com sua ausência, o nosso mundo cultural/teatral ficou ainda mais pobre, nesse momento trágico que vivemos. Você é e será sempre um referencial deslumbrante como ser humano”, afirmou.

A capacidade de transitar por meios artísticos distintos, indo do palco para as telas, foi destacada pela atriz Fernanda Torres: “Ele explodiu no teatro e expandiu a influência para a televisão e o cinema. Foi um catalisador para a cultura brasileira.”

O estilo original, que deixa um grande legado para a arte de fazer rir no Brasil, foi apontado pelo colega Bruno Mazzeo, filho do saudoso humorista Chico Anysio: “Nenhum comediante dessa geração arrastou legião de fãs tão grande. Eu podia, nesse sentido, compará-lo a Oscarito, Zé Trindade e Mazzaroppi. Mas humoristas são insubstituíveis.”

A atriz Mônica Martelli declarou o seu amor: “Meu irmão, eu te amo e pra sempre vou te amar. Vamos lembrar de você sempre assim. Sorrindo, criando, fazendo o Brasil gargalhar.”

“O mundo perde um gênio do humor”, escreveu Fábio Porchat, que estudou teatro na mesma sala que Paulo Gustavo.

O colega Marcelo Adnet também não economizou elogios: “Incrédulo de a gente perder alguém tão jovem, tão talentoso, tão único, tão raro, tão importante para a cultura, para o humor. Uma pessoa tão apaixonante, tão apaixonado, exemplo para o Brasil inteiro.”

A atriz Tatá Werneck resumiu a comoção nacional, chamando atenção para a imortalidade do legado do colega: “Vai ser tão difícil ficar sem você. Mas, você indo, eu entendi: o fim não existe. Agora eu sei. Aplaudam o grande Paulo Gustavo! O maior comediante que eu já vi. Prestem atenção: não deixem essa dor ser em vão. Entendam a gravidade dessa pandemia. Usem máscara, álcool em gel, distanciamento social”, apelou em suas redes sociais.

Para o psicanalista Daniel Kuperman, “a morte de Paulo Gustavo nos recorda um tempo em que os mitos contribuíram para o incremento do sentido da fraternidade, e não para a sua dissolução”.

PERFIL

Paulo Gustavo Amaral Monteiro de Barros nasceu em Niterói, no dia 30 de outubro de 1978. Estudou teatro na Casa das Artes de Laranjeiras, no Rio, na mesma turma de Fábio Porchat.

A primeira peça da qual participou foi *O surto*, em que dividia a direção com Fernando Caruso, em 2004. Na ocasião, apresentou, pela primeira vez, a personagem Dona Hermínia, que marcaria sua carreira para sempre. A mãe superprotetora e hilária ganhou peça própria em 2006 e chegou ao cinema sete anos depois. Somados, os três filmes de *Minha mãe é uma peça* venderam mais de 26 milhões de ingressos entre 2013 e 2020. O terceiro filme teve a maior arrecadação da história do cinema brasileiro, com R\$ 182 milhões de bilheteria. Como forma de retribuir toda a contribuição da mãe para sua carreira, Paulo Gustavo ainda criou a peça *Filho da mãe*, na qual dividia o palco com Dona Déa para cantar e contar histórias.

Além do sucesso de *Dona Hermínia*, o ator se destacou pelos filmes *Minha vida em Marte* (2018) e *Os homens são de Marte... e é para lá que eu vou* (2014), nos quais contracenou com a atriz e amiga Mônica Martelli, interpretando o personagem Aníbal, em ambas as comédias.

Na TV, apresentou, em 2011, o programa *220 Volts*, do Multishow. Dois anos depois, no mesmo canal, passou a integrar o elenco de *Vai que cola*, vivendo o malandro Valdomiro Lacerda. O personagem foi um sucesso, também na adaptação para o cinema, em 2015. Ainda no Multishow, protagonizou, ao lado de Katiúscia Canoro, a série *A vila*. Na produção, interpretou o ex-palhaço Rique. O ator foi o apresentador de várias edições do Prêmio Multishow.

LIVRO

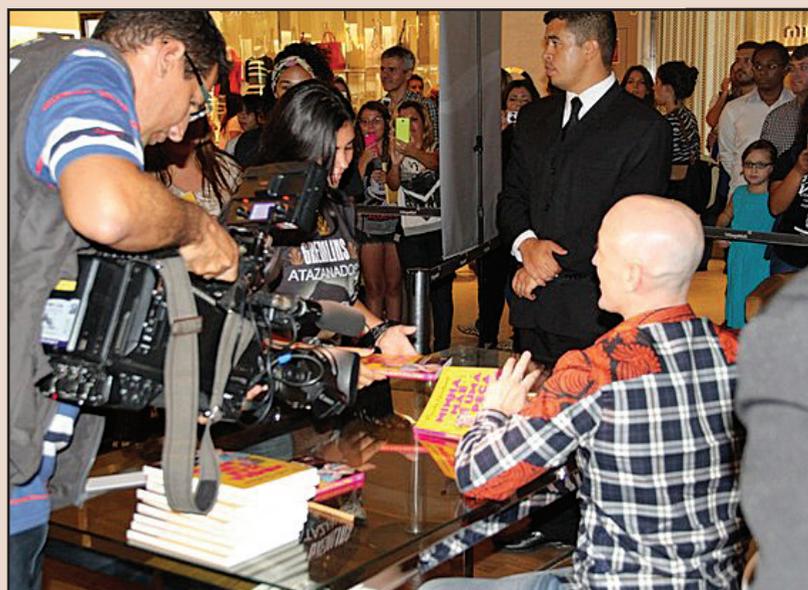
Paulo Gustavo escreveu um livro. E não foram apenas os textos das peças ou o roteiro dos filmes. O livro traz histórias inéditas de *Dona Hermínia*, a mãe que encantou, emocionou e apaixonou o Brasil. Publicado pela editora Objetiva, em 2015, a obra reúne, além de histórias, fotos e ilustrações de Paulo Gustavo como *Dona Hermínia*. São textos inéditos escritos com a colaboração de Ulisses Mattos e Fil Braz.

Em sua estreia na literatura, *Dona Hermínia* – ou melhor, Paulo Gustavo, seu criador – fala sobre sexo, dietas e religião, dá conselhos de como criar os filhos, explica a antipatia que tem por Freud e sua “mania de colocar tudo que é culpa na mãe”, mostra como navegar na internet e faz seu guia de viagens. E, ao contrário dos manuais que ensinam como segurar o marido, conta os segredos para não perder o ex.

Com um estilo de humor acessível, baseado em cenas familia-



O ator com a mãe, Déa Lúcia.



Em sua estreia na literatura, Paulo Gustavo lançou um livro, pela Editora Objetiva, em 2015.

res e cotidianas, um dos artistas mais populares do país, criador de personagens inesquecíveis, morreu no dia 4 de maio de 2021, por complicações do Covid-19. Paulo Gustavo deixou o marido, o médico Thales Bretas, e dois filhos pequenos, Gael e Romeu, além do pai, Júlio Marcos, da irmã, Juliana Amaral, e da mãe, Déa Lúcia Amaral.

Toda a trajetória do artista, cuja dimensão transbordava potência e simbolismo, – com a obra se confundindo com a própria existência – confirma a frase poética do saudoso Ferreira Gullar: “A Arte existe porque a vida não basta.”



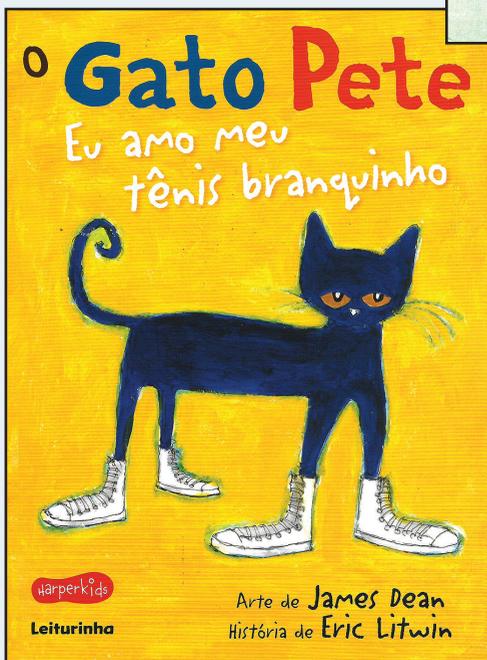
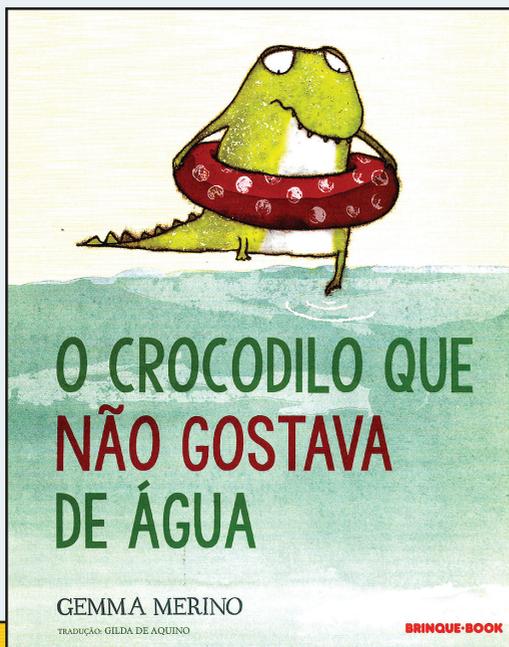
Bicharada!

Mestre em educação, pedagoga, editora de livros infantis e didáticos – e-mail: amor.anna2014@gmail.com

Adoro histórias com bichos! São divertidas e permitem que várias mensagens cheguem até as crianças sem didatismo forçado. Lembro de Lobato e a deliciosa fantasia do Sítio do Pica-pau Amarelo, com Quindim e Rabicó. Os mais velhos talvez se lembrem das Histórias do Tio Janjão, um tio querido, interpretado pelo ator Álvaro Aguiar e que se transformou em sucesso radiofônico na Rádio Nacional. E ele sempre dizia: “essa história é do tempo em que os bichos falavam.”

Com essas lembranças, voltei à infância com os lançamentos e histórias com animais e uso a liberdade literária para classificar como “animal”, um vírus invisível e “marvado”! Cuidado com ele!

O Crocodilo que não Gostava de Água – Texto e ilustrações de Gemma Merino, tradução de Gilda de Aquino (Brinque-Book) – Não é possível!!!! Um crocodilo que não gosta de água? Que não consegue aprender a nadar e não consegue brincar com seus irmãos? Que gosta mesmo de subir em árvores? Não é possível mesmo! E bem que ele tentou. Até comprou uma boia! Mas, que surpresa! Bastou um espirro e tudo foi esclarecido. Realmente, água não era a sua praia!



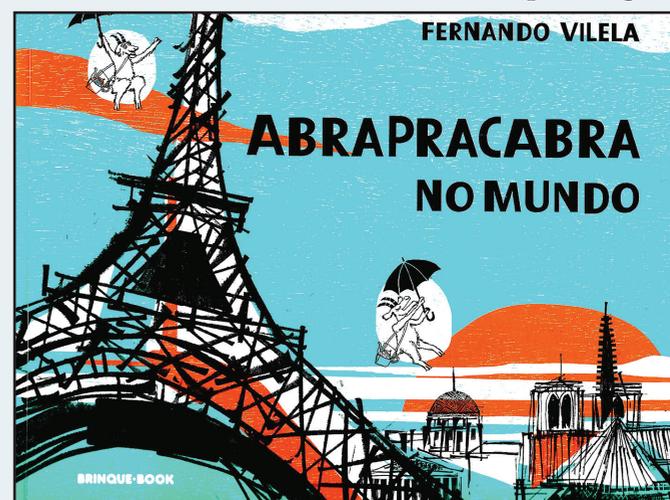
O Gato Pete – eu amo meu tênis branquinho – Arte de James Dean (o criador do gato Pete) e história de Eric Litwin, tradução de Érico Assis (Harperkids/Leiturinha) – O gato Pete desfila pelas ruas com o seu novo tênis branquinho. Cantarola uma melodia divertida. Só que não esperava que o seu tênis, tão branquinho, passasse por tantas mudanças no caminho! Pete não se abala, e muda a cantiga de acordo com as situações.

Book) – Sabem aquele ditado: “onde vai a corda vai a caçamba”? Assim são os amigos Clic e Cloc. Unidos em tudo, sempre juntos. Nunca se via Clic sem Cloc, nem Cloc sem Clic. Até que um dia... tudo mudou. Onde está Clic? Onde está Cloc? Mas, com certeza, mudou para melhor!

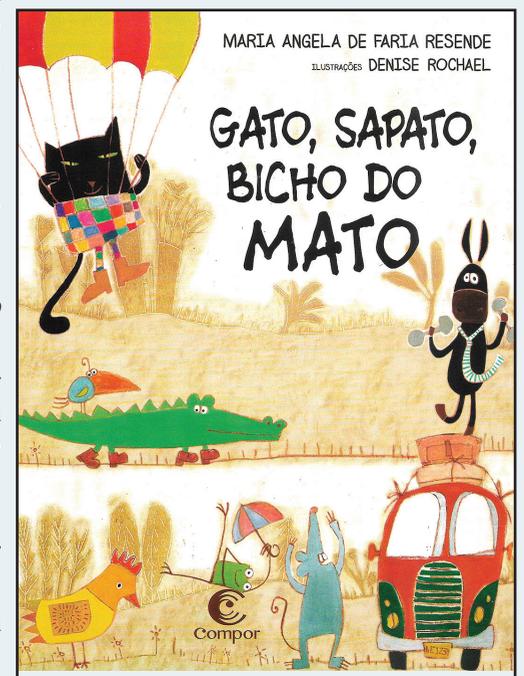
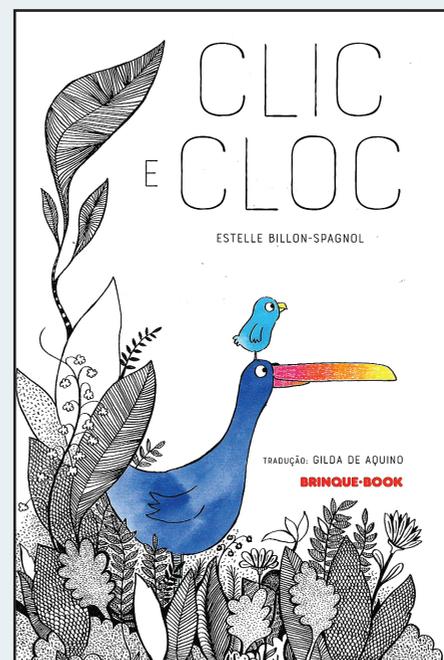
Clic e Cloc – Estelle Billon-Spagnol escreveu e ilustrou e Gilda de Aquino traduziu (Brinque-Book)

Gato, Sapato, Bicho do Mato – Texto de Maria Angela de Faria Resende e ilustrações de Denise Rochael (Compor) – Uma revolução! Cansados de ser apenas animais, os bichos resolvem viver como gente. No início, tudo parece que dá certo, até que surge um certo arrependimento... e um por um regressa ao seu ambiente natural. As rimas e a referência a histórias conhecidas divertem e estimulam a criatividade dos pequenos leitores.

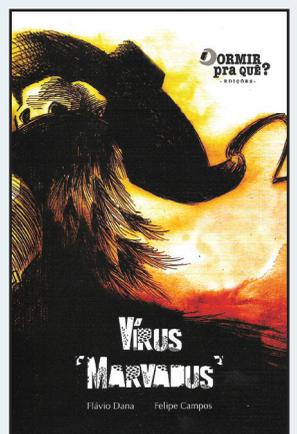
Abrapracabra no Mundo – Fernando Vilela escreveu e ilustrou (Brinque-Book) – Terceiro livro das aventuras da cabra Euzébia (*Abrapracabra!* e *Abrapracabrasil!* foram os anteriores), dessa vez o autor resolve levar a cabra para conhecer países distantes onde encontra novos amigos. Em Paris, na França, foge após uma confusão; nos Estados Unidos, visita Nova York com o cachorro Rex; no Japão, a gatinha Mitiko se une ao



Vírus “Marvado” – Flávio Dana conquista a garotada com histórias e canções divertidas. Em Godofredo, o craque da bola, o personagem e grande campeão é um bode. Agora, Dana apresenta uma história daquele terror que provoca frio na barriga dos pequenos leitores, em que o vilão é um vírus que adora quem não se cuida e não lava as mãos. É assim que ele entra nos corpos e domina tudo. As ilustrações de Felipe Campos (geniais) ajudam a estimular a garotada a sair correndo para lavar as mãos, cuidar da higiene e impedir que esse tal vírus “marvado” se crie! E a história vem pela nova editora Dormir pra quê?, apresentando o livro com um formato diferente. E tem mais no final: a pauta musical de A trilha virótica (do autor com Martha Beier), que também pode ser ouvida com os recursos da internet.



grupo; nova confusão e saem correndo de Istambul, na Turquia e finalmente, no Egito, na África, encontram Hilal, o dromedário. E sabem para onde ela vai agora? Descubra na próxima história de Euzébia. Boa viagem!



JL BCB Biblioteca Cultural Básica

O Jornal de Letras apresenta mais três autores cujas obras não podem faltar numa Biblioteca Cultural Básica.

acervo JL

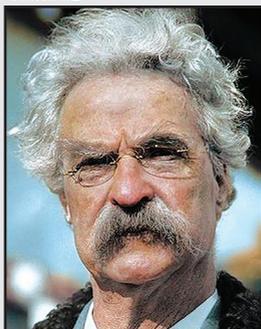


MARÇAL AQUINO

(Amparo, 1958)
Jornalista, escritor e roteirista de cinema brasileiro. Trabalhou como revisor, repórter e redator nos jornais *O Estado de São Paulo* e *Jornal da Tarde*. Passou a infância e a adolescência no interior de São Paulo e, em 1983, graduou-se em jornalismo pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC-Campinas).

Em 1984, ainda residindo no interior, publicou seu primeiro livro de poemas, *A Depilação da Noiva no Dia do Casamento*, em edição independente. Na contemporaneidade, trabalha como jornalista freelancer e contribuiu recentemente para a revista *Época* São Paulo. Escreve ficção adulta e juvenil, faz roteiros para o cinema, tendo atuado como consultor no IV Laboratório de Roteiros Sundance/RioFilme, a convite do Sundance Institute, dos EUA, em 2002. Como roteirista, mantém, com o cineasta Beto Brant, uma parceria que já rendeu sete longas-metragens. Além de adaptar seus próprios livros, Marçal roteirizou obras de outros escritores, como Lourenço Mutarelli. Para a televisão, escreveu, ao lado de Fernando Bonassi, a série *Força Tarefa*, da Rede Globo. Publicou, entre outros livros, os volumes de contos *O amor e Outros Objetos Pontuados* (1999), *Faroestes* (2001) e *Famílias Terrivelmente Felizes* (2003), além das novelas *O Invasor* (2011), *Cabeça a Prêmio* (2003) e *Eu Receberia as Piores Notícias dos seus Lindos Lábios* (2005). Tem obras lançadas na Alemanha, Espanha, França, México, Portugal e Suíça.

acervo JL

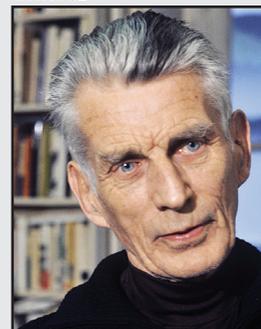


MARK TWAIN

(1835-1910) Escritor norte-americano. Nasceu no Missouri, EUA, no dia 30 de novembro de 1835. Foi registrado com o nome de Samuel Langhorne Clemens. Em 1839, mudou-se para a cidade portuária de Hannibal, às margens do rio Mississipi. Desde criança, conheceu a tristeza quando foi levado a uma vila do oeste central e viu escravos açoitados e homens baleados. Em 1850, começou a trabalhar no jornal *Hannibal Journal*, como impressor e assistente editorial. Em 1863, em Virgínia City, usou pela primeira vez o pseudônimo de "Mark Twain", expressão utilizada pelos barqueiros que significava "marca segura para se navegar". Em 1865, conquistou o público e ganhou fama com o conto "A Célebre Rã Saltadora do Condado de Calaveras". Em 1867, viajou para a França, Itália e Palestina, em busca de material para seu primeiro livro, *Os Inocentes no Estrangeiro*, 1869.

Em 1870, viajou como correspondente à Europa, Turquia e Palestina. O material serviu para escrever seu segundo livro *Os Inocentes no Estrangeiro* (1869). A consagração veio com o livro: *As Aventuras de Tom Sawyer* (1876), uma reconstituição da infância. Sua popularidade cresceu com a publicação do romance histórico para crianças *O Príncipe e o Mendigo* (1884) e com a sátira *Um Ianque na Corte do Rei Artur*. As obras *O Forasteiro Misterioso* (1916) e *Autobiografia* (1924), foram publicadas postumamente. Mark Twain faleceu em Redding, em Connecticut, Estados Unidos, no dia 21 de abril de 1910.

acervo JL



SAMUEL BECKETT

(1906-1989) Dramaturgo, romancista, crítico e poeta irlandês de expressão inglesa e francesa. Nasceu em Dublin, Irlanda, no dia 13 de abril de 1906. Aos 14 anos, começou a frequentar a Portora Royal School, no norte da Irlanda. O escritor formou-se em Literatura Moderna no Trinity College de Dublin (1923-1927) e, logo depois, viajou para Paris, onde permaneceu durante dois anos. Foi leitor da École Normale Supérieure. Em Paris, frequentou os círculos literários e tornou-se amigo de James Joyce, autor do célebre clássico *Ulisses*. Em 1930, retornou à Irlanda, onde passou a lecionar francês. Esteve em Londres durante dois anos, de 1933 a 1935, também passou pela França, pela Alemanha e pela Itália. Em 1937, Samuel Beckett radicou-se definitivamente em Paris. Beckett escreveu em francês uma trilogia de romances que ele mesmo traduziu para o inglês: *Molloy* (1951); *Molloy Morre* (1951); *O Inominável* (1953). Os três são complexas elaborações sobre o problema da identidade humana e sua perda num mundo fragmentário em que a própria linguagem é posta em xeque. No romance seguinte, *Como Isto É* (1961) o autor apresenta o mesmo gênero de indagações. Beckett foi considerado um dos representantes do "teatro do absurdo". As suas peças teatrais conduzem o tema do absurdo às últimas consequências. Talvez por isso tenha sido chamado de "o comediante do impasse". Em 1969, Samuel Beckett recebeu o prêmio Nobel de Literatura. Samuel Beckett faleceu em Paris, França, no dia 22 de dezembro de 1989, vítima de enfisema pulmonar.

Harpa

Por Raquel Naveira*

Que instrumento lindo é a harpa. As cordas, numa moldura aberta de madeira, quando dedilhadas, fazem ressoar acordes secretos, misteriosos, tensos. Súbito, a terra liga-se ao céu, o instante a vibrações espirituais, a certeza da morte ao destino eterno. Portais puros se abrem como por encanto.

Antiga, a harpa procede dos ancestrais arcos de caça. O som que era produzido quando as mãos retesavam a arma em direção ao alvo. A pulsão rumo ao infinito. O equilíbrio entre a personalidade e o domínio de si mesmo.

Talvez a harpa já existisse antes do dilúvio. Estava presente no Egito e na Grécia. Tornou-se símbolo dos bretões celtas na ilha esmeralda da Irlanda e nos castelos medievais do País de Gales.

Para o judeu, a harpa de dez cordas, feitas com o intestino delgado das ovelhas, era um atributo de Davi. Ele tocava sua harpa diante do rei Saul, que logo sentia alívio de suas dores malignas. Quando, mais tarde, o povo foi levado cativo para a Babilônia, à beira do rio Eufrates, sentaram e choraram, penduraram suas harpas no meio das longas folhas dos salgueiros. Bem que aqueles que os destruíram pediam para que tocassem canções alegres. Quanto insulto! Como haveria alegria fora de Sião e de Jerusalém? Que desespero, que emoção profunda há no lamento dos exilados de todos os tempos.

A harpa pequena é uma cítara ou uma lira. A lira dos músicos e dos poetas. A lira de Orfeu. Orfeu era filho do deus Apolo com uma musa. Com seu canto suave, abrandava a natureza, ordenava as estações do ano, fascinava animais, aplacava as tempestades. Tudo e todos se concentravam nele, pareciam dormir ao som das notas de um campo

harmônico. Após a passagem do poeta, uma peste, semelhante a esta que estamos vivendo, assolou a Trácia. Sua lira transformou-se numa constelação. É lá no céu que os anjos e os poetas tocam harpas para sempre. A inquietação da beleza e o desejo de ser feliz materializam-se num lirismo de adoração.

Nascida na fronteira do Brasil com o Paraguai, em terras onde aconteceu o ciclo da erva-mate, conheci desde a infância a harpa paraguaia típica, tocada com as unhas. As polcas, as guarânias, as melodias ora lentas e melancólicas, ora rasqueadas, inflamadas, heroicas, brotando entre os fios, saltando dos pedais. Os tons claros, cálidos, glissando nas escalas. Os arpejos espanhóis misturados com a tradição dos índios guaranis. Os passos, os gritos e giros de uma dança latino-americana.

Grande artista é Fábio Kaida. Uma figura cênica. O rosto de índio, os cabelos longos e lisos ultrapassando a cintura, manto que se movimenta enquanto ele gruda a harpa ao seu corpo. Focado, cria arranjos sofisticados, modernos, sem nunca perder suas origens, suas raízes. Por quais nevoeiros andaré ele com sua harpa paraguaia?

Instrumento lindo. Só me resta cantar. Um canto pungente, que faça cessar os suplícios dos condenados. Ouço sons de harpa ecoarem das profundezas do abismo.



*Raquel Naveira é da Academia Sul-matogrossense de Letras.



Por Zé Roberto

arte Desenharte



zrgauna@hotmail.com

NETTO

Morador de Niterói, desde 1970, Roberto José da Rocha Neto, mais conhecido como Netto, é cartunista nascido em 1964, no município São Luís, do estado do Maranhão. O artista é formado em Gravura pela UFRJ – Universidade Federal do Rio de Janeiro, e passou a se interessar pelo humor gráfico quando tornou-se fã e leitor da versão brasileira da revista Mad, especialmente dos cartuns sem legendas, que Netto chama de “humor sem palavras”. Influenciado por cartunistas como Don Martin, Al Jaffee, Antonio Prohías e, especialmente, Sergio Aragonés, Netto começou a arriscar seus próprios traços e criar cartuns de variados temas, quando em 1994 foi premiado no concurso temático “náufrago e ilha deserta”, promovido pelo jornal *O Pasquim*, em parceria com a cerveja Malt 90. A partir daí, o cartunista participou de vários concursos do gênero, sendo premiado no Salão Universitário de Piracicaba, Salão Internacional de Ribeirão Preto, Salão de Humor de Canindé/CE, Salão de Humor de Volta Redonda e Salão Carioca de Humor.

Admirador de cartunistas brasileiros, entre os quais Canini, Luscar, Vilmar Rodrigues, Ramade entre tantos outros, Netto atua na imprensa, onde publicou nos jornais *O País*, *Jornal Incrível*, *Folha de Londrina*, *Umuarama Ilustrado*, e nas revistas *Raça Brasil*, *Atual*, *Estilo* entre outras publicações. Atualmente, o desenhista colabora virtualmente com as versões digitais da *Folha de Minas*, *Tribuna do Sertão* (de Alagoas), coluna Ítalo, de Umuarama, *Ecos da Notícia* (do Acre), *O Gonçalvesense*, e *A Notícia* (de Macaé). Habilidade na arte de desenhar instantaneamente, o cartunista niteroiense é habitual participante de eventos sociais e empresariais com desenho ao vivo, atividade que exerce há bastante tempo.



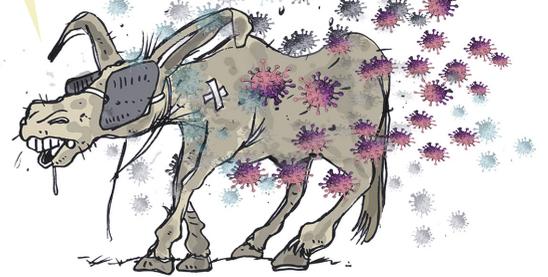
Para conhecer um pouco mais sobre o desenhista, o leitor do JORNAL DE LETRAS pode manter contato com o artista nas redes sociais, nos perfis @cartunistanetto e Cartuns do Netto, respectivamente no Instagram e Facebook, ou pelo Whatsapp e Telegram, no celular (21) 991543464. Netto mantém também um portfólio atualizado no endereço: cartunistanetto.blogspot.com/.

Saúde e Arte!

#FechadoComBolsonaro

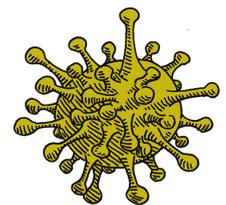


TEM ALGUNS IDIOTAS
QUE ATÉ HOJE
FICAM EM CASA...



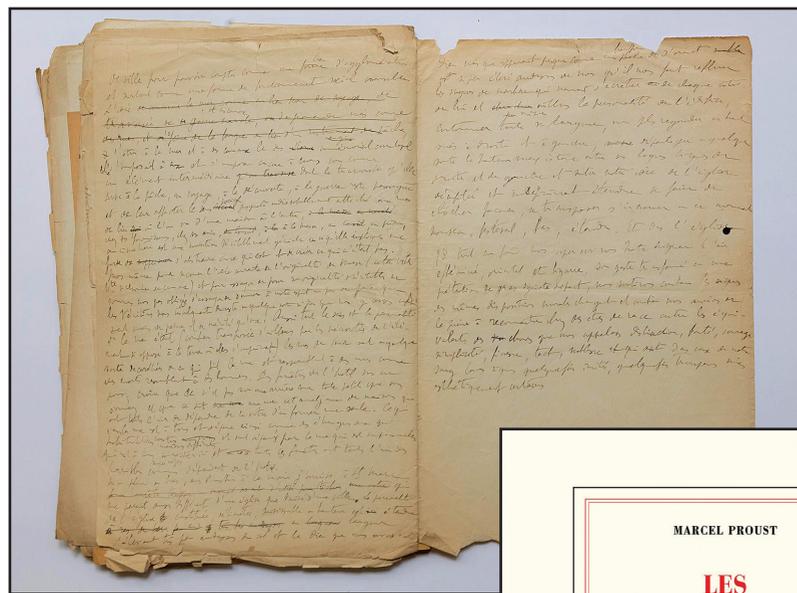
IH, RAPAZ...
PAZUELLO
PASSOU MAL
NA CPI...

SERÁ QUE
LHE FALTOU
OXIGÊNIO?

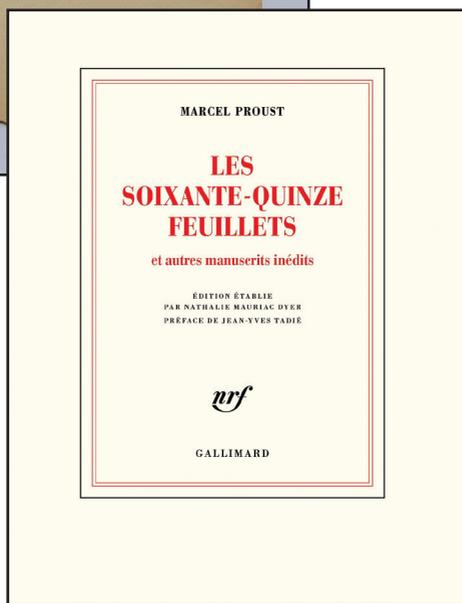


Adeus à madeleine de Proust

Por Vera Lúcia de Oliveira*



Manuscritos de Marcel Proust que permaneceram ocultos por quase 70 anos na editora Bernard de Fallois.



Parece “primeiro de abril”, mas não é. Foram realmente publicados no dia 1º de abril de 2021, ou seja, recentemente, novos manuscritos de Proust (1871-1922), em Paris. Uma surpresa que deixou o mundo proustiano em polvorosa. Manuscritos inéditos? Como assim? Onde estavam? Pois foi o que aconteceu: intitulados *Les soixante-quinze feuillets et autres manuscrits inédits* (Paris:

Gallimard, 2021), os originais de *Em Busca do Tempo Perdido*, que se encontravam guardados a sete chaves pelo editor Bernard de Fallois há quase setenta anos, foram descobertos após sua morte, em 2018, e finalmente revelados. Diz Corine Azzopardi, do francetvinfo.fr – canal de cultura da França –, que se trata de uma “cápsula do tempo inacreditável, Graal proustiano, que explica a gênese de *Em Busca do Tempo Perdido*. Descobriu-se, entre outros, como Proust, a partir do cheiro de um pão torrado, inventou sua famosa madeleine, ponto central a partir do qual se organiza a temporalidade no romance”.

A incrível história dessa publicação põe fim, segundo Corine, a uma especulação que vinha desde 1954 sobre o paradeiro desses cadernos, cuja existência no entanto era conhecida, pois Bernard já havia se referido a eles elipticamente; mas ninguém sabia onde estavam. Estavam na casa dele. E, somente após sua morte, a Biblioteca Nacional da França, a quem os textos foram legados, pôde ver essa descoberta incrível, bem como os especialistas de primeira linha e a sobrinha-bisneta de Proust, Nathalie Mauriac. Nesses 75 cadernos, está contido o esboço da obra grandiosa do autor, desnudando todo o seu processo de criação – com suas hesitações, rasuras, repetições, sua alma a nu, antes que as pistas fossem embaralhadas no romance, diz ela. Com linhas riscadas, passagens apagadas, outras ilegíveis, a Gallimard optou por deixá-los como estão para que o leitor possa ter a impressão verdadeira da criação e perceber o trabalho em curso da obra, que deixará, sem dúvida, a comunidade proustiana de leitores fascinada com a aparição desses novos velhos manuscritos, já tornados fetiche, ainda mais porque foram escritos após dois anos sem nenhuma linha, deprimido que estava pela morte da mãe Jeanne Weil, em 1905. Nesse período, Proust só conseguiu escrever alguns artigos. Mas, de repente, mergulhou naquela que seria a grande obra de sua vida, esboçando as personagens que

balizaram *Em Busca do Tempo Perdido*, ainda segundo Corine. Com prefácio de Jean-Yves Tadié, autor de monumental biografia de Proust, no qual ressalta que este é um documento capital e, citando Michelet, diz que geralmente desconhecemos “o momento sagrado quando o escritor começa a escrever”. E enfatiza que, sim, esse é “maravilhosamente chamado um momento sagrado.” Nesses manuscritos, os elementos biográficos saltam aos olhos: aí estão a vó do pequeno Marcel, sua tia, seu tio, todos com seus nomes verdadeiros, o que na obra definitiva foi disfarçado.

Para Corine, muitos autores se dariam por satisfeitos com esse primeiro esboço, mas, para Proust, foi apenas o ponto de partida de uma obra gigantesca com 500 personagens, abordando todos os temas possíveis: arte, música, pintura, o sentido da vida e, claro, a memória. E descobrimos também o ancestral da madeleine, o pão duro, torrado, mergulhado não no chá, mas numa tisana. Em Proust, tudo tem uma origem, sobretudo o tempo, e tudo está destinado a transformação, até atingir a perfeição. Tudo isso a partir de um simples pão torrado transformado em madeleine, tornado o ponto central da temporalidade de uma obra total.

Mas essa descoberta deixou também um gosto amargo na boca. Sem a doce madeleine com perfume de baunilha, na forma de conchinha, única, inigualável, que sempre nos lembra Proust, ficamos com o mesmo desapontamento de quando um dia descobrimos que Papai Noel é o pai da gente...

Como livro puxa livro, não poderíamos deixar de mencionar aqui *Sobretudo de Proust* (RJ: Rocco, 2012), de Lorenza Foschini, jornalista italiana que, com emoção, viu-se, depois de muita pesquisa, diante de uma caixa etiquetada “Manteau de Proust”, no Museu Carnavalet, em Paris. Nesse livro, acompanhamos a trajetória dos pertences de Marcel Proust após a morte de Robert Proust, médico e único irmão (caçula) do escritor que até então era o guardião de seus escritos, objetos pessoais e móveis – que talvez tivessem literalmente desaparecido –, como muitas cartas que tiveram o destino do fogo, numa espécie de auto-de-fé realizado pela viúva de Robert que não só não tinha interesse pelos escritos do cunhado famoso, como queria livrar-se de cartas que considerava embaraçosas para a família, em razão da homossexualidade do escritor. Mas, graças ao trabalho detetivesco de Jacques Guérin, milionário do ramo da perfumaria e apaixonado pela obra de Proust, quis o destino que muita coisa fosse salva, desde a cama em que, como um naufrago agarrado a uma tábua, ou um prisioneiro no quarto de cortiça, vítima da doença que o isolava do mundo, o autor escreveu sua obra extraordinária.

A despeito de todos os objetos que importam, porque foram parte da vida de Proust, o que mais chamou a atenção de Lorenza foi o casaco, que parece fazer parte da maldição de casacos desde *O capote*, de Gógol, em que esse vestuário ganha vida própria. O sobretudo de Proust, após sua morte, ganhou pernas e foi a lugares onde o dono jamais pensaria em ir: passeou e respirou ar gelado, aqueceu outra pessoa em passeio de barco no rio Sena, fez todo tipo de estripulias sem nenhum cuidado, impensáveis para o imóvel escritor, vítima de uma asma que o consumiu e o levou à morte aos 51 anos de idade, em 1922. Aliás, neste ano de 1921, comemoramos os 150 anos de seu nascimento. O sobretudo teve vida mais longa que o dono, pois, mesmo maltratado, em estado que não permite mais exibição pública, continua vivo, guardado no lindo museu, com a memória em cada fio do tecido dos momentos vividos no hotel Ritz em jantares intermináveis que seguiam madrugada afora, onipresente também em suas fotos e retratado de modo expressivo em desenho de Jean Cocteau. Memória de um tempo perdido, de quando aquecia os pés de Proust em sua cama de ferro, que também se encontra no Carnavalet, salva, por um triz, do descaso e do esquecimento pelo dedicado Guérin.

Esse sobretudo preto, com gola de pele, todo forrado, como a lâmpada de Mallarmé, é testemunha do tormento do autor, que varava noites trabalhando e que nos deixou a maior obra da literatura francesa do século 20 e quiçá de toda a modernidade.

*Vera Lucia de Oliveira é membro da Academia de Letras do Brasil.

Tempo de homens partidos

Cecília Prada*



CECÍLIA PRADA



SOU MULHER
LOGO
NÃO EXISTO
(autoficção)

Tempo de comício. De correrias, tiros inesperados – havia. Só me lembro daquela sensação de ser levada de um lado para outro, de ficar espremida entre meu pai e minha mãe, na Praça da Sé, sufocada de calor lá embaixo, nos meus 4 anos. A zoeira, o desconforto, a vontade de fazer xixi e de chorar, aquela discursadeira toda, as pessoas pareciam estar sempre zangadas – contra quem? – na Praça da Sé, que era a Maior Praça do Mundo, sempre um perigo para se atravessar,

os carros que vinham de todo lado. E minha mãe contando, anos depois, “então nós fomos, levando a menina, ver o comício da Praça da Sé, e saiu tiroteio, e só tivemos tempo de sair correndo, pegar um bonde que passava ali na rua José Bonifácio e fugir”.

Em janeiro de 1994, ao ler a notícia da morte de Fúlvio Abramo, fiquei sabendo que ele “teve o poder de deter, organizando um comício, a marcha do integralismo entre nós”. Devia ser “o comício do bonde” de que se falava na família – que, aliás,

era toda simpatizante dos integralistas. O perigo, o terror. Alto-falante era uma vozona que vinha pegar criancinha, vozes muito zangadas, eu notava, parecia que de repente começariam a se matar. Não devia estar errada. Os registros históricos nos dizem que o “comício do bonde” acabou em tiroteio e mortes, mas a família cristã salvou-se a tempo.

Uma voz ressoava, pelo alto-falante, nos comícios daqueles anos, uma voz forte, máscula: Mulheres de São Paulo! Era Dona Carolina Ribeiro, diretora da Escola Normal Caetano de Campos. A única mulher – é homem, mãe? – que discursava lá em cima. Com os homens.

O principal medo era o dos comunistas. Eles sim viriam, matando criancinhas, invadindo as casas, enfeitando as moças, nos condenando a passar fome, nos colocando diante de pelotões de fuzilamento. O caldo da fervura dos anos 1930 engrossava-se com a Guerra Civil espanhola – que na família católica repercutia como o horror dos horrores porque os padres, coitados, eram obrigados a fugir.

– Sim, e fogem levando seu ouro escondido nos santos!

A voz, indignada, era de Dona Anita, espanhola e mulher do seu Muñós, que era, aos meus olhos de medo, o único “monstro comunista” que eu conhecia – terrível, falava alto, dava murros na mesa enquan-

to discutia com meu pai, do qual fora companheiro de Congregação Mariana, católico de comunhão diária, um homem bom, diziam. Depois começou a ler muitos livros e ficou ruim, e todo mundo que lia muitos livros acabava indo para o inferno, eu sabia? A gente só pode ler os livros que o padre permite, ouviu?

Longos artigos, no montão de revistas católicas que enchiam a mesa da sala na casa de meus tios, os perigos das más leituras. Havia mesmo uma ilustração, O Caminho do Inferno, a boca do demônio escancarada lá no fundo, no caminho as pessoas lendo, despreocupadas, até caírem no caldeirão. Na Alemanha nazista, Hitler mandava queimar livros em piras gigantescas – minha mãe, depois da morte de meu pai, continuou pela vida inteira a queimar livros. No curso de Letras Neo-latinas da Faculdade Mackenzie, eu ia ler escondido na Biblioteca Mário de Andrade os autores que tinha de estudar, Flaubert, Zola, Balzac. Um dia, vinte anos mais tarde, sua piromania avançou a mão para o original de um conto meu, La Pietà – que alcançaria fama inclusive internacional – e o destruiu... Por essa época, eu havia aprendido a fazer cópias do que escrevia, é claro...

Por enquanto, ainda tenho cinco anos, estou sentadinha no degrau da cozinha da casa do seu Muñós e morrendo de medo porque ele vai matar meu pai, e querendo ir embora logo, e acho que fomos mesmo, e nunca mais voltamos. E seu Muñós tinha um filho que era muito gordo e andava de motocicleta, uma coisa potentíssima e barulhenta que me fazia também muito medo, Francisco, se chamava ele, e morreu moço, do coração, e eu pensava “bem-feito, quem mandou ser gordo, comunista, e ainda por cima andar de motocicleta”.

Todo domingo, meu tio Egídio vinha almoçar conosco – era solteiro, morava em um hotel e era professor como meu pai. Conversavam muito sobre educação, pedagogia – que seria aquilo. Entre o bom vinho Chianti que as crianças não podiam beber, e ainda com a boca vazando o molho rico da macarronada, concluía, concordados, que todos os comunistas mereciam morrer na cadeira elétrica. Ou fuzilados – hoje, penso: estariam talvez justificando o fuzilamento de Garcia Lorca?

Minha autovisão daquele momento da infância, a memória ressentida formando círculos em torno de um ponto só, nó, centro, e também palco do drama de três figuras: um pai que podia ser meu avô, a mãe vinte e dois anos mais moça e eu, menina autófaga se devorando num canto da sala de jantar. Que é o cômodo dos cômodos, grande, de passagem, barriga da casa cortando o corredor ao meio, amarela, símbolo da vida de todo dia, o sacrossanto. A Sagrada Família na estampa. Cômodo ativo, onde tudo acontecia. O rádio Telefunken, as visitas íntimas, a leitura, o bordado, o dever da escola...

Mas houve um comício em particular que me deu um medo maior ainda. Pude presenciá-lo melhor, não mais “lá embaixo” vendo pernas de pessoas e amassada entre elas, mas do balcão de uma sala nobre do Colégio São Bento, aonde me levava meu pai.

– Por que todos estão vestidos de preto?

Devo ter perguntado meio alto e meu pai fez sinal para ficar quieta. Eu continuei, de olhão grande, observando aquelas pessoas estranhas, de porte rígido, inteiramente vestidas de luto, por quem seria? Até camisa preta fechada, e os padres beneditinos em seus hábitos também negros, e depois, no fim, por uma porta lateral entraram rígidos portadores de bandeiras inteiramente negras, que foram entusiasticamente recebidas com aplausos.

Empinadas, as bandeiras do Fascio se vangloriaram um instante, se pavonearam satisfeitas, mas depois – num gesto teatral ensaiado, – baixaram-se todas ao mesmo tempo.

E eu, de tanto susto, gritei. Escondi o rosto na calça do meu pai – que também parecia ser negra.

(Da autobiografia *Sou Mulher, Logo, Não Existo*)

*Cecília Prada, jornalista e escritora premiada, com 17 livros publicados, é membro da Academia Campinense de Letras. Em 2020, foi por esta indicada como candidata ao Prêmio Nobel de Literatura.

#AFavorDoBrasil



Visite nosso site e saiba mais



CHEGOU AHORA DE RETOMAR AS ATIVIDADES.

O Sistema Comércio, que sempre trabalhou pelos interesses dos empresários, intensifica os esforços para a volta das empresas às atividades. Enviamos ao Governo Federal um ofício com sugestões, elaboradas através de uma pesquisa escutando centenas de empresários, de novas medidas para minimizar as perdas e incentivar a retomada. Criamos um grupo de trabalho para defender os interesses do empresário do comércio de bens, serviços e turismo na reforma tributária. Lançamos o "CNC Transforma", movimento de inovação e tecnologia para dar solução aos empresários e apoiar todo o Sistema Comércio a qualificar seus negócios e a se adequar ao novo cenário de transformação digital. Também produzimos vídeos para os principais segmentos do setor com orientações para o retorno com segurança. Chegou a hora das empresas retomarem as atividades e nós estamos com você.

Saiba mais em afavordobrasil.cnc.org.br



Trabalho a favor do Brasil.

Palavras que cantam Esperança

Por Peilton Sena*

Nem tudo é bom, nem tudo é mau. E em ambos os casos há sempre uma lição a se aprender, ainda que nos seja ensinada por um ser invisível aos nossos olhos. Poucas respostas e milhares de perguntas; conhecimento e fé, pesquisas e trabalho, solidariedade, fake news, ganância e ignorância, despedidas sem adeus... ingredientes de mais uma pandemia. E essa veio nos ensinar que “Nada do que foi será de novo do jeito que já foi um dia” e que “Daqui pra frente tudo vai ser diferente, você tem que aprender a ser gente, seu orgulho não vale nada, nada...” Cada um no seu ritmo “Caminhando e cantando e seguindo a canção” porque a “Vida vem em ondas como o mar no indo e vindo infinito”. “E há tempos nem os santos têm ao certo a medida da maldade; há tempos são os jovens que adoecem; há tempos o encanto está ausente e há ferrugem nos sorrisos; só o acaso estende os braços a quem procura abrigo e proteção.”

Chegou “Um tempo quando nós ouvimos uma chamada certa, quando o mundo precisa ser um só; há pessoas morrendo, oh é hora de dar uma mão para a vida, o maior presente de todos. Não podemos continuar fingindo dia após dia de que alguém, em algum lugar, logo fará a mudança. Nós

somos partes da imensa família de Deus e a verdade você sabe, amor é tudo o que a gente precisa”. E sim, “Vamos precisar de todo mundo, um mais um é sempre mais que dois, pra melhor juntar as nossas forças é só reparar melhor o pão. Recriar o paraíso agora para merecer quem vem depois. Deixa nascer, o amor, deixa fluir, o amor, deixa crescer, o amor, deixa viver, o amor o sal da terra”.

Compaixão pela dor alheia. Estamos todos atravessando o mesmo deserto e “Enquanto o tempo acelera e pede pressa, eu me recuso, faço hora, vou na valsa, a vida é tão rara. Enquanto todo mundo espera a cura do mal, e a loucura finge que isso tudo é normal, eu finjo ter paciência” porque sei: “Mas é claro que o sol vai voltar amanhã, mais uma vez. Escuridão já vi pior de endoidecer gente sã, espera que o sol já vem.” Pois “A água viva ainda está na fonte, você tem dois pés para cruzar a ponte. Nada acabou, não, não, não”. “Sigamos com fé, porque a fé não costuma faiá.” E o Senhor nos diz: “Como uma ponte sobre águas turbulentas Eu me estenderei...” Seja forte e “Se o céu acima de você se tornar escuro e cheio de nuvens e aquele antigo vento norte começar a soprar, mantenha sua cabeça sã e chame meu nome em voz alta e logo eu estarei batendo na sua porta”. Coragem, não desanime, você não está sozinho. “Não diga que a vitória está perdida, tenha fé em Deus, tenha fé na vida”, e se você cair, “Reconhece a queda e não desanima, levanta sacode a poeira e dá a volta por cima”.

Este texto foi produzido com letras de músicas dos seguintes artistas: Lulu Santos, Roberto Carlos, Geraldo Vandré, Renato Russo, Michael Jackson, Beto Guedes, Lenine, Raul Seixas, Gilberto Gil, Elvis Presley, James Taylor e Bete Carvalho.

*Peilton Sena – aprendiz de poeta e membro da Academia Santista de Letras.

O Brasil é um país seríssimo

Por Jonas Rabinovitch

Depois de 28 anos visitando o Brasil apenas 2 ou 3 semanas por ano, pude finalmente passar 4 meses no início desse ano no Brasil. Quem pensa que morar no exterior faz com que a gente perca contato com a realidade do Brasil está enganado. As fontes de todos em qualquer lugar são as mesmas: mídia e redes sociais.

Por outro lado, o cotidiano nos mostra que o Brasil é um caso sério. Seríssimo. Tinha quase esquecido das motos feitas barulhentas de propósito, dos motoristas agressivos e machistas que ficam forçando passagem, da existência de despachantes e de leis absurdas, de grades e portões gritando insegurança por todos os lados.

Ao mesmo tempo, há um contraste imenso entre a agressividade

coletiva latente e a doçura carinhosa, quase inconsciente, de cada um. Eu nunca veria nos EUA ou na Europa um funcionário de uma companhia aérea quase rolando no chão do aeroporto para brincar com nossa cachorrinha. Nunca vemos nos países mais sérios uma piada espontânea como resposta imediata ao surrealismo absurdo de cada dia.

De fato, parece que não nos levamos muito a sério. É um caso sério. Coisa de paixão, de emoção, intuição, coisa do lado direito do cérebro tomando conta do coração. E vice-versa.

Vi riso e choro fácil, discurso improvisado na praia, atos de carinho entre estranhos, gente que até dá informação errada para tentar ser útil ou não admitir que não sabe.

Não sei se esse jeito brasileiro de ser é bom ou ruim para o país. Não sei se algumas guilhotinas em lugares estratégicos nos fariam um país melhor. Não julguei, não condenei, não absolvi. Absorvi. Tomei guaraná sem culpa, comi pão de queijo, cantei parabéns com direito a brigadeiro.

O fato é que cada vez sei menos, construindo a matriz das experiências, dialogando com a planilha. Só sei que um dia vou chegar ao epílogo, comendo o pão nosso e sorvendo o leitmotiv de cada dia.

– E aí? Tudo bem? Kekiá de novo?

– Nada. Vamos rindo.

Um ser humano. Consegue até ser sério de vez em quando.

Ironia para o *Homo Sapiens*

Ester Vieira de Oliveira*

Que soluções golpeiam o cristalino cristal da vida!

E... eis que no ritmo do percurso

O TEMPO se alonga

A VIDA se esvai

O CORAÇÃO estremece flutuante de espera

OS PÉS gaguejam ao mover

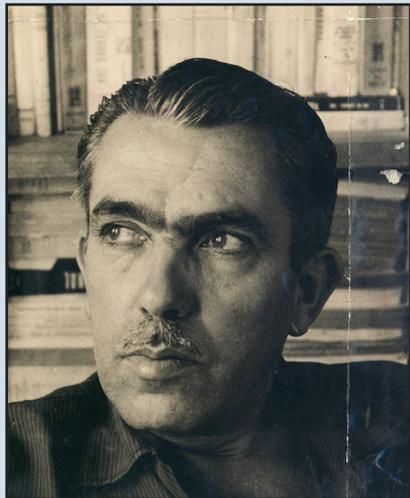
AS PISADAS massageiam os caminhos com suavidade

AS PALAVRAS se escondem no olvido
AS MÃOS enrijecem e trêmulas desfolham as rubras rosas
O ROSTO se transforma em quem é e era
A PELE borda labirínticas formas
A VOZ se abranda na rouquidão de Cronos
O TORSO se curva para não ver o límpido azul do céu
AS VEIAS dificultam o fluir do néctar efervescente
A TERRA se enriquece ...
e quem
tanto sabe
nunca encontrou o infinito
de sua frágil trajetória.

*Ester Abreu Vieira de Oliveira é professora Emérita da Ufes e presidente da Academia Espírito-santense de Letras.

Rubem Braga e o samba

Por Getúlio das Neves*



Para o público em geral, a produção literária de Rubem Braga trata-se de escritos repletos de sentimento, que se ocupam das coisas simples do dia a dia, envolvendo-as num lirismo agradável de ler. Essa é a faceta revelada nos diversos livros publicados, reunindo crônicas escolhidas pelo autor dentre a sua produção e que, opinião unânime, ajudaram a alavancar essa espécie de texto a estilo literário consolidado. Mas, e não se ignora, o estilo crônica admite uma variedade de abordagens dos assuntos de que trata e de pontos de vista sobre os fatos de que cogita. No celebrado texto *A Vida ao Réis*

do Chão, Antônio Cândido propõe vieses interpretativos que, mesmo não ocupando aquele leitor despojado de preocupações analíticas, dá a todos pistas sobre “o que esperar” ao iniciarmos a leitura de um bom cronista. Rubem, obviamente, incluído.

Só que essa coisa de rotular estilos e autores pode não funcionar muito bem, e Rubem Braga constitui-se num início de conversa para quem pensa dessa maneira. A propósito disto, em boa hora saíram em livro crônicas do autor não reunidas antes nesse formato: iniciativa da

Autêntica, de 2016, cujos pesquisadores compuseram três volumes de escritos sobre política brasileira, arte e artistas, música e músicos. Em sua maioria, são registros quase que instantâneos, da época de publicação: a crônica “comentário de jornal”, da definição mais prosaica. Não fosse, obviamente, o estilo pessoal de Rubem, diferencial que confere perenidade aos textos e que justificou a sua republicação.

Dos retratos 3 x 4, espécie de biografia corrida de personagens da cena cultural, a impressões sobre shows, eventos, exposições, nesses registros, o estilo mordaz e as tiradas sarcásticas afloram aqui e ali, e nunca fora de lugar. Mordacidade, aliás, não apreciada por alguns, caso de José Lins do Rego, que “há tempos, na presença do jornalista Osório Borba” ameaçou o cronista “de uma surra de chibata se eu o atacasse” (*Carmen, Folha da Tarde*, 24/07/1939). Afirmção que se compreende ao se ler, por exemplo, *Valores*, publicada também na *Folha da Tarde*, em 4 de outubro de 1939, defesa de Carmen Miranda e Leônidas da Silva das críticas de um articulista: “afinal de contas, quem não é intelectual neste país?” Questão, de resto, atualíssima.

Mas deixemos de polêmicas do início de carreira do autor. Dentre esse repositório, revelador da variedade dos seus interesses, sobressai o apreciador do samba: “é preciso gostar do samba, e para gostar do samba é preciso conhecer o samba”, “porque a verdade é que muita gente gosta sem conhecer. E o pior é que muita gente não gosta nas mesmas condições” (*O morro não é dos malandros, Vamos Ler!*, 26/11/1936). Tema de interesse social que mais adiante permite ao cronista a constatação: “além do aumento de salários (que não houve, a não ser em papel moeda, que não mata a fome nem veste ninguém), lembra-se o Ministério do Trabalho de culpar as letras de samba da queda de produção. O operário trabalha menos porque ouve sambas a favor da malandragem” (*Sambas, Diretrizes*, 24/05/1946). E por aí vai, em épocas pós-Estado Novo. Lúcido e mordaz.

A boa crônica, lecionou Antônio Cândido, faz-se de assuntos corriqueiros, “fica perto de nós”. Refletir sobre a realidade do país pela pena dos cronistas é viés interpretativo relevante. Daí que esse olhar social de Rubem Braga está a merecer bem mais atenção.

*Getúlio das Neves é do Pen Clube do Brasil.

Toda teoria
tem um LADO
PRÁTICO.
ESTÁGIO
o lado prático de toda teoria.

Estudante, o CIEE oferece diversas oportunidades para você aprimorar os seus conhecimentos e colocá-los em prática.

Conheça alguns serviços ofertados:

- ▣ PROGRAMAS DE ESTÁGIO
- ▣ PROGRAMAS DE APRENDIZAGEM
- ▣ WORKSHOPS E PALESTRAS
- ▣ CURSOS GRATUITOS (em nosso site)

FAÇA AGORA O SEU CADASTRO !

INFORMAÇÕES:
Disque Estudante
(21) 3535-4545



Cadastre-se através do site www.ciee.org.br



MEIO AMBIENTE E POVOS INDÍGENAS

edições
Sesc

